



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANGÉLICA REGINA GONÇALVES BERTOLAZZI

**CONCEITUALIZAÇÃO METAFÓRICA NO DISCURSO
QUADRINÍSTICO**

Londrina
2021

ANGÉLICA REGINA GONÇALVES BERTOLAZZI

**CONCEITUALIZAÇÃO METAFÓRICA NO DISCURSO
QUADRINÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Cordeiro

Londrina
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

B546 Bertolazzi, Angélica Regina Gonçalves.
Conceitualização metafórica no discurso quadrinístico / Angélica Regina Gonçalves Bertolazzi. - Londrina, 2021.
89 f. : il.

Orientador: Isabel Cristina Cordeiro.
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2021.
Inclui bibliografia.

1. Cognição - Tese. 2. Metáfora - Tese. 3. Quadrinhos - Tese. I. Cordeiro, Isabel Cristina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

ANGÉLICA REGINA GONÇALVES BERTOLAZZI

**CONCEITUALIZAÇÃO METAFÓRICA NO DISCURSO
QUADRINÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Cordeiro
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Esther Gomes de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Givan José Ferreira dos Santos
Universidade Tecnológica Federal do Paraná –
UTFPR

Londrina, 05 de julho de 2021.

Ao meu marido, por me incentivar nesta jornada. Na vida, é o amigo, o companheiro e o amor: o conhecedor de minhas aspirações. Meu presente de Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser força a me acalantar em todas as etapas deste grau acadêmico, pois “Tudo posso Naquele que me fortalece”.

À minha orientadora Profa. Dra. Isabel Cristina Cordeiro, pela paciência, dedicação e generosidade em compartilhar seu conhecimento; por ter me colocado no caminho da metáfora e pela confiança depositada em mim. Sou imensamente grata por tudo.

À Profa. Dra. Esther Gomes de Oliveira, pelo exemplo de competência, pelo amparo ofertado e por guiar meus estudos desde os tempos da graduação.

Ao Prof. Dr. Givan José Ferreira dos Santos, pela prontidão e disposição de seu tempo na leitura da dissertação e pelas contribuições tão enriquecedoras a esta pesquisa.

À Profa. Dra. Maria Isabel Borges, por me apresentar a outra faceta das histórias em quadrinhos e oportunizar novos saberes.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL, pelas contribuições para minha formação acadêmica.

Aos funcionários da Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL, pela gentileza, competência e seriedade.

À Universidade Estadual de Londrina, por proporcionar um ensino e suporte acadêmico de qualidade, mesmo diante de tantas dificuldades. Obrigada por todas as oportunidades.

Ao meu marido Mateus, por toda paciência e compreensão nas inúmeras ocasiões em que não pude dar a merecida atenção.

Aos meus pais Israel e Maria Aparecida, pelo amor e incentivo ao conhecimento, e aos meus irmãos, pelo afeto e torcida constante.

Aos meus sobrinhos, pelo carinho e amor incondicional. Em especial, ao Pedro Henrique, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais relevantes de minha vida.

Aos meus sogros Áurea e Amadeu, pelo carinho e compreensão, sobretudo, nos momentos em que minha ausência se fez necessária.

Ao meu amigo e companheiro canino Buddy, por alegrar os meus dias e me ensinar o quanto a amizade é genuína e doce.

Às amigas Susannah Yoshimi Watanabe Romero, Elisângela Costa Consentino, Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli e Camila Arcade Grande, pelas prazerosas conversas, pela partilha de dúvidas, conquistas, ansiedades e, acima de tudo, a certeza contagiante de que

tudo daria certo, pois entendemos que seríamos melhores nos ajudando em todos os momentos.

A todos os meus alunos e ex-alunos, que avivam minha sede de conhecimento, neste desafiante universo da aprendizagem.

À CAPES, pela concessão da bolsa de pesquisa, que me possibilitou a dedicação necessária para o aperfeiçoamento dos conhecimentos.

A todos aqueles que, de algum modo, direta ou indiretamente, cooperaram para a realização deste trabalho.

A todos, minha gratidão!

“Tudo é vivo e tudo fala, em redor de nós, embora com vida e voz que não são humanas, mas que podemos aprender a escutar, porque essa linguagem secreta ajuda a esclarecer o nosso próprio mistério.”

(MEIRELLES, 1975, p. 39)

BERTOLAZZI, Angélica Regina Gonçalves. **Conceitualização metafórica no discurso quadrinístico**. 2021. 87 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é averiguar a relação entre cognição e discurso, a fim de compreender o processo de conceitualização metafórica na linguagem cotidiana e a construção do significado decorrente da metaforicidade. Com base no aporte teórico da Semântica Cognitiva (Lima, 2019; Ferrari, 2020; Lakoff; Johnson, 2002; Marcuschi, 2008; Palomanes, 2012; Pelosi, 2014), da Teoria da Metáfora Conceitual (Lakoff; Johnson, 2002; Sardinha, 2007; Ferrari, 2020; Silva, 1997; Lima, 2017) e da Linguagem dos quadrinhos (Ramos, 2009; 2011; 2017; 2020; Bakhtin, 2015; 2016; Maingueneau, 2006; Marcuschi, 2008), verificamos expressões linguísticas e recursos gráficos que atualizam a metáfora conceitual e exercem função relevante na apreensão e construção dos sentidos, visto que, atualmente, os quadrinhos circulam em diversas esferas digitais e empregam metáforas convencionais. Neste estudo, entendemos a metáfora conceitual como uma forma de atividade cognitiva ancorada nas experiências de caráter físico e sociocultural, em que conceitos são estruturados metaforicamente em termos de outros, enquanto os mecanismos linguísticos concretizam a metáfora no discurso, além de constituírem reflexos de nossas ações e pensamentos. Assim, as metáforas estabelecem correspondências entre um domínio-fonte e um domínio-alvo por meio de modelos cognitivos idealizados que derivam de nossas experiências, permitindo o acesso ao discurso à medida que o sentido vai sendo construído durante a leitura. O *corpus* é composto de quadrinhos publicados em páginas virtuais e redes sociais, coletados nos anos de 2019 e 2020. A análise comprova que a metáfora conceitual é o principal elemento dessa construção e responsável pelos sentidos dos textos, por meio de mapeamentos cognitivos entre os domínios da própria metáfora. Essa abordagem se insere no contexto dos estudos da metáfora dentro do paradigma sociocognitivista das pesquisas em Linguística Cognitiva, articulando as dimensões linguística e discursiva da metaforicidade.

Palavras-chave: cognição; metáfora; quadrinhos.

BERTOLAZZI, Angélica Regina Gonçalves. **Metaphorical conceptualization in comic book discourse**. 2021. 87 p. Dissertation (Master's Degree in Language Studies) – State University of Londrina, Londrina, 2021.

ABSTRACT

The objective of this work is to investigate the relationship between cognition and discourse in order to understand the process of metaphorical conceptualization in everyday language and the construction of meaning derived from metaphoricity. Based on the theoretical contribution of Cognitive Semantics (Lima, 2019; Ferrari, 2020; Lakoff; Johnson, 2002; Marcuschi, 2008; Palomanes, 2012; Pelosi, 2014), the Theory of Conceptual Metaphor (Lakoff; Johnson, 2002; Sardinha, 2007; Ferrari, 2020; Silva, 1997; Lima, 2017) and the Comic language (Ramos, 2009; 2011; 2017; 2020; Bakhtin, 2015; 2016; Maingueneau, 2006; Marcuschi, 2008), we verified linguistic expressions and graphic resources that update the conceptual metaphor and play a relevant role in the apprehension and construction of the senses, since comics currently circulate in several digital spheres and use conventional metaphors. In this study, we understand conceptual metaphor as a way of cognitive activity anchored in physical and socio-cultural experiences, in which concepts are structured metaphorically in terms of others, while the linguistic mechanisms concretize the metaphor of the discourse, besides constituting reflections of our actions and thoughts. Therefore, metaphors establish correspondences between a source domain and a target domain through idealized cognitive models that derive from our experiences, allowing the access to the discourse as the meaning is constructed during the reading. The corpus is composed of comics published on virtual pages and social networks, collected in the years 2019 and 2020. The analysis proves that the conceptual metaphor is the main element of this construction and it is responsible for the meanings of the texts, through cognitive mapping between the domains of the metaphor itself. This approach is inserted in the context of metaphor studies within the socio-cognitivist paradigm of researches in Cognitive Linguistics, articulating the linguistic and discursive dimensions of metaphoricity.

Keywords: cognition; metaphor; comics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Metáfora conceitual: BOM É PARA CIMA; MAU É PARA BAIXO.	19
Figura 2 – Metáfora conceitual: MENTE É RECIPIENTE.	22
Figura 3 – Categoria básica de especificidade.	26
Figura 4 – Categoria superordenada.	28
Figura 5 – Processo de recategorização.	32
Figura 6 – Expressões metafóricas licenciadas por metáfora conceitual.	39
Figura 7 – Espaço, tempo e balão nas tiras cômicas.	47
Figura 8 – Formato tradicional da tira cômica.	50
Figura 9 – Tira produzida em formato longo.	51
Figura 10 – Linguagem dos quadrinhos.	52
Figura 11 – Ideologia e quadrinhos.	57
Figura 12 – Intertextualidade entre gêneros: cartum e piada.	61
Figura 13 – A função do humor na charge.	63
Figura 14 – Recategorização e comicidade.	65
Figura 15 – Enunciado metafórico.	68
Figura 16 – Outro enunciado metafórico.	69
Figura 17 – Charge publicada em jornal on-line.	71
Figura 18 – Conceitualização metafórica.	73
Figura 19 – Cartum divulgado no Facebook.	76
Figura 20 – Tira publicada no Instagram.	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos da teoria da metáfora conceitual.....	36
Quadro 2 – Principais tipos de metáfora conceitual.....	38
Quadro 3 – Características dos gêneros quadrinísticos.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAPÍTULO 1 - SEMÂNTICA COGNITIVA	16
1.1 CONSTITUIÇÃO DA SEMÂNTICA COGNITIVA	16
1.2 OS PROCESSOS DE CATEGORIZAÇÃO E RECATEGORIZAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	24
1.3 TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL	34
2 CAPÍTULO 2 - GÊNEROS QUADRINÍSTICOS	44
2.1 NOÇÃO DE HIPERGÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS.....	44
2.2 VISÃO GERAL DO DISCURSO QUADRINÍSTICO	53
2.3 EFEITOS DE HUMOR.....	59
3 CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DO CORPUS	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

“A linguagem não é nem transparente em suas designações nem inerte em seus usos.”

(PLANTIN, 2008, p. 44)

Nossa relação com a língua é rotineira e não observamos as escolhas de palavras, estruturas de frase e entonação feitas ao verbalizarmos nossas ideias durante a situação de comunicação. Em razão das ações comunicativas diárias serem tão espontâneas, não nos damos conta dos conceitos estruturados em termos de outros e das condições socioculturais subjacentes à maioria dos nossos conceitos, que sugestionam nossas ações e pensamentos.

Nesse contexto, percebemos a complexidade da linguagem, sendo, às vezes, uma *armadilha* ao apresentar os sentidos *figurados*, em que usamos uma palavra com um sentido diferente do literal, como as metáforas. No entanto, a linguagem ultrapassa o aspecto linguístico, pois emerge da interação sociocultural com a estrutura cognitiva.

Nesse sentido, citamos os estudos voltados para a metáfora que, a partir da década de 1970, ganharam relevantes contribuições da Semântica Cognitiva, ao considerá-la um processo cognitivo transcendente à linguagem.

George Lakoff e Mark Johnson (1980) romperam com a concepção aristotélica de metáfora, que deixou de ser vista como um ornamento retórico ou recurso da poética, e passou a ser entendida como resultado das interações entre mecanismos cognitivos, experiências corpóreas, fatores socioculturais e elementos linguísticos. Do ponto de vista cognitivista, a mente é corporificada e faz parte do processo de linguagem, pois o corpo não só reflete as experiências sensorio-motoras, mas também estrutura a cognição.

Ao inserir a linguagem no campo da cognição, a metáfora tornou-se um instrumento importante no processo de compreensão humana, por significar correspondência conceitual, ao resultar de um mapeamento entre os domínios conceituais: domínio-fonte e domínio-alvo. Dessa forma, com a Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (1980), a compreensão da metáfora é integrada à experiência cognitiva, constitutiva da linguagem cotidiana, do pensamento e das ações.

Com base no exposto, após deslocar o lócus da metáfora da linguagem para o pensamento, colocou-se em crise o enfoque objetivista, ao apontar a metáfora conceitual como uma forma de atividade cognitiva ancorada nas experiências de caráter físico e sociocultural, em que conceitos são estruturados metaforicamente em termos de outros, enquanto os mecanismos linguísticos concretizam a metáfora no discurso, revelando-se em nosso modo de pensar e falar sobre o mundo.

À vista disso, a metáfora conceitual pode ser analisada em determinados gêneros discursivos, pois está vinculada às práticas discursivas, sendo relevante na construção dos sentidos. Portanto, os quadrinhos licenciam metáforas conceituais e revelam a argumentatividade marcada por mecanismos de sua linguagem particular, ao serem indicadores de posicionamento ideológico decorrentes da metaforicidade.

Nessa direção, esperamos que a realização deste trabalho possa colaborar para uma reflexão acerca dos processos cognitivos, dos quais enunciados metafóricos estabelecem correspondências entre domínios, por meio de modelos idealizados derivados de nossas experiências. Tal processo possibilita o acesso ao discurso, à medida que o sentido é construído no curso da leitura, pois o leitor precisa articular os elementos constituintes de uma linguagem híbrida e os conhecimentos de mundo para assimilar o sentido global do texto.

O objetivo geral é analisar a relação entre cognição e discurso, a fim de compreender o processo de conceitualização metafórica e a construção do significado procedente da metaforicidade, visto que as metáforas estão presentes nos textos quadrinísticos, assim como em nossa cultura, pois resultam das interações sociais compartilhadas e refletem ideologias e diferentes modos de ver o mundo, exercendo influência sobre os nossos pensamentos e ações.

Os objetivos específicos são:

- I) identificar as metáforas conceituais presentes nos quadrinhos publicados nas esferas digitais;
- II) analisar os mapeamentos cognitivos ao traçar as correspondências entre o domínio-fonte e o domínio-alvo estabelecidos pelas metáforas;
- III) discutir as implicações dos enunciados metafóricos manifestados pelos textos quadrinísticos;
- IV) verificar as expressões linguísticas e os recursos gráficos atualizadores da metáfora conceitual e as suas funcionalidades na apreensão e construção dos sentidos.

Com relação aos aspectos metodológicos, uma pesquisa pode ser classificada quanto aos seus objetivos ou quanto aos seus métodos, sem que uma classificação supere, concorra ou invalide a outra. Desta forma, esta pesquisa pode ser classificada, simultaneamente, como bibliográfica, descritiva e analítica, pois, em conformidade com os fundamentos da Semântica Cognitiva e da Teoria da Metáfora Conceitual, princípios basilares no desenvolvimento desta dissertação, elegemos a análise e a descrição dos enunciados metafóricos presentes em textos quadrinísticos digitais, coletados em 2019 e 2020. A *internet* é o principal meio de circulação desses gêneros do discurso, posto que “a disputada vaguinha nos diários impressos perdeu terreno para a liberdade proporcionada pelo meio virtual” (RAMOS, 2017, p. 141). Dessa forma, nos amparamos em outras teorias concernentes ao hipergênero história em quadrinhos, ao observarmos que a articulação da linguagem verbal e visual licencia as metáforas conceituais, além de apresentar um papel relevante na construção dos sentidos.

Quanto à organização dos capítulos da dissertação, foram estruturados em três partes, descritas a seguir. No primeiro capítulo *Semântica Cognitiva*, com as contribuições de Ferrari (2020), Lakoff e Johnson (2002), Lima (2019), Marcuschi (2008), Palomanes (2012) e Pelosi (2014), há uma breve contextualização a respeito do surgimento dessa subárea da Linguística Cognitiva e a motivação em incorporar o significado à análise linguística para explicar fenômenos dos quais as teorias clássicas eram insuficientes. Em seguida, abordamos o tópico a respeito da categorização e recategorização, a partir dos estudos de Martelotta e Palomanes (2011), Ferrari (2020), Lima (2019), Lima (2003; 2009; 2017), Koch (2014) e Marcuschi (2007), pois são processos relevantes para compreender a construção dos sentidos ao recorrermos às estruturas de conhecimentos partilhados socioculturalmente, e ao (re)construirmos o objeto de discurso por atividades inferenciais derivadas da metaforicidade. Para mais, apresentamos a Teoria da Metáfora Conceitual, sob os pressupostos de Lakoff e Johnson (2002), Lakoff (1987), Sardinha (2007), Ferrari (2020), Silva (1997) e Lima (2017), para delinear uma reflexão acerca do sistema conceitual metafórico subjacente à linguagem, o qual influencia nosso pensamento e nossa ação, recorrentes de experiências cotidianas concretas para falarmos de conceitos abstratos.

No segundo capítulo *Gêneros quadrinísticos*, sob as teorias de Ramos (2009; 2011; 2020), Bakhtin (2016), Maingueneau (2006), Fiorin (2016) e Marcuschi (2008), abordamos a noção de gêneros do discurso que dispõem da narratividade desdobrada em quadrinhos e compõem o hipergênero *história em quadrinhos*. Além disso, à luz dos

autores Fiorin (1998), Chauí (2008), Koch (1983; 2016), Ramos (2017) e Mendes e Miranda (2016), citamos o discurso quadrinístico, por revelar ideias, valores, normas e regras sociais que determinam o modo de vida do homem e sua interação na sociedade, na qual ideologias são mascaradas pela linguagem híbrida, de acordo com os interesses do autor. Outro aspecto mencionado são os efeitos de humor, dado que os quadrinhos estão vinculados à comicidade, à ironia, à denúncia e à transgressão, conforme as teorias de Bergson (2001), Oliveira e Machado (2013), Travaglia (1989), Possenti (1998), Ramos (2011; 2020), Souza (2008), Propp (1992), Bakhtin (2015), Romualdo (2000), Koch (2003), Lima (2015) e Marcuschi (2008).

No terceiro capítulo, *Análise do corpus*, apresentamos as metáforas conceituais derivadas dos textos quadrinísticos publicados nas esferas digitais e as correspondências entre o domínio-fonte e o domínio-alvo estabelecidas pelas metáforas verbo-visuais, além de apontar as expressões linguísticas e os recursos gráficos que autorizam a conceitualização metafórica e contribuem para a apreensão dos sentidos. A base para as análises é o aparato teórico já referenciado, além das contribuições teóricas de Cançado (2005), Oliveira e Cordeiro (2010), Koch (2003) e Pereira, Oliveira e Machado (2013).

Em seguida, as conclusões resultantes das análises configuram a validação da relação entre cognição e discurso, pois a conceitualização metafórica é o processo responsável pela construção dos sentidos do texto quadrinístico, mediado por mapeamentos cognitivos de distintos domínios da própria metáfora.

1 CAPÍTULO 1

SEMÂNTICA COGNITIVA

“O melhor está nas entrelinhas.”

(LISPECTOR, 1998, p. 86)

Neste primeiro capítulo, apresentamos um referencial teórico com base na Semântica Cognitiva, de modo a nortear as análises das metáforas conceituais emergentes dos textos quadrinísticos. A primeira parte ocupa-se da composição da Semântica Cognitiva, ao traçar um breve percurso da Linguística, que derivou da forma (estrutura) para a cognição (organização da mente). Na segunda parte do capítulo, sob a visão cognitivo-discursiva, abordamos o processo de categorização, a fim de compreender a construção dos sentidos ao recorrermos às estruturas de conhecimentos partilhados socioculturalmente para relacionar um termo a uma categoria e, assim, compor a construção de objetos de discurso. Ademais, explanamos o processo de recategorização, em uma interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva, ao observarmos que esse processo não está atrelado apenas à materialidade textual-discursiva, em razão de (re)construírmos o objeto de discurso por meio de atividades inferenciais decorrentes da metaforicidade. Por fim, dissertamos a respeito da Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (1980), fundamento substancial na articulação entre cognição e discurso, uma vez que as metáforas estão presentes em nossa cultura e resultam das interações sociais compartilhadas, com atuação em nosso pensamento e ação, ao valermos de experiências cotidianas mais concretas para falarmos de conceitos supostamente mais abstratos.

1.1 CONSTITUIÇÃO DA SEMÂNTICA COGNITIVA

O funcionamento da linguagem sempre despertou o interesse de muitos estudiosos, contudo as análises ainda não são consensuais, ao apresentarem divergências que evidenciam a complexidade e a profundidade de sua natureza. A fim de situar o momento e a motivação do surgimento da Ciência Cognitiva, destacamos algumas observações preliminares sobre a Linguística no século XX, como uma breve

contextualização da abordagem adotada neste trabalho, em virtude de a Semântica Cognitiva decorrer de duas visões tradicionais: o estruturalismo e o gerativismo.

Segundo as premissas de Ferdinand de Saussure, publicadas postumamente por seus alunos na obra *Curso de linguística geral* (1916), a língua é concebida como um fenômeno homogêneo, cujo enfoque é o código e o sistema de signos. Nessa abordagem, a realização da fala e a análise do uso são ignoradas, pois o modo como a língua se relaciona com o extralinguístico não são averiguados. Assim, o estudo linguístico saussuriano abafa o sujeito, a sociedade, a história, a cognição e o funcionamento discursivo da língua, ao ter como aspecto central a sua estrutura interna, restringindo-se ao âmbito formal.

Em 1933, Leonard Bloomfield publicou a obra *Language*, na qual apresentava a perspectiva behaviorista, cujo olhar voltava-se à produção de um sistema de análise dedutivista e descritivista, centrado na morfologia e na sintaxe da língua. Por conseguinte, sua teoria era similar à saussuriana no que diz respeito à exclusão da semântica e da pragmática, o que leva à insuficiência explicativa, pois diversos aspectos considerados centrais no estudo linguístico atual foram deixados de lado.

Para Marcuschi (2008), o quadro epistemológico formalista teve grande projeção no século XX, no entanto houve diversas críticas, devido à falta de explicação e ao reducionismo na investigação linguística, por relegar aspectos importantes para a atividade comunicativa.

Depositou-se na visão formal da língua uma expectativa exagerada que não deu os resultados esperados pela limitação e reificação do objeto construído para análise. Hoje, percebe-se que, ao invés da linguagem e seu funcionamento, a proposta formalista analisou o simulacro. Não se trata de recusar a forma e dar um privilégio à função, à ação, ao social e ao histórico, mas de harmonizá-los (MARCUSCHI, 2008, p. 31).

A partir da década de 1950, a linguística gerativista de Noam Chomsky aponta uma nova perspectiva, ao conceber a linguagem como uma faculdade mental inata, na qual investiga os estados da mente/cérebro, visando o comportamento linguístico internalizado e geneticamente transmitido pelo humano. Desse modo, o foco de estudo passa a ser o conhecimento que sustenta o uso e a compreensão da língua, ao investigar os processos cognitivos motivadores da produção e da assimilação de enunciados linguísticos.

No gerativismo, o uso linguístico foi excluído da pesquisa por ser considerado um reflexo imperfeito da competência. De acordo com Marcuschi (2008), Chomsky

intencionava elaborar um modelo que descrevesse a competência do falante/ouvinte, alicerçado em um sistema autônomo e modular.

Os formalistas, particularmente os chomskianos, por sua vez, postulam que as funções externas da linguagem não influenciam as categorias internas do sistema. Tomam o sistema como autônomo e baseado na modularidade: fonologia, sintaxe e semântica. Cada módulo é independente e não interage com o outro (MARCUSCHI, 2008, p. 44).

Sob o ponto de vista epistemológico, a vertente chomskyana abriu portas para outras áreas de pesquisa relativas à linguagem, congruentes ao domínio do cognitivismo, como Filosofia, Psicologia, Neurociência, Linguística e Inteligência Artificial. Essas disciplinas concentraram-se em compreender a estrutura e o funcionamento da mente humana, além de originar um campo interdisciplinar, a Ciência Cognitiva.

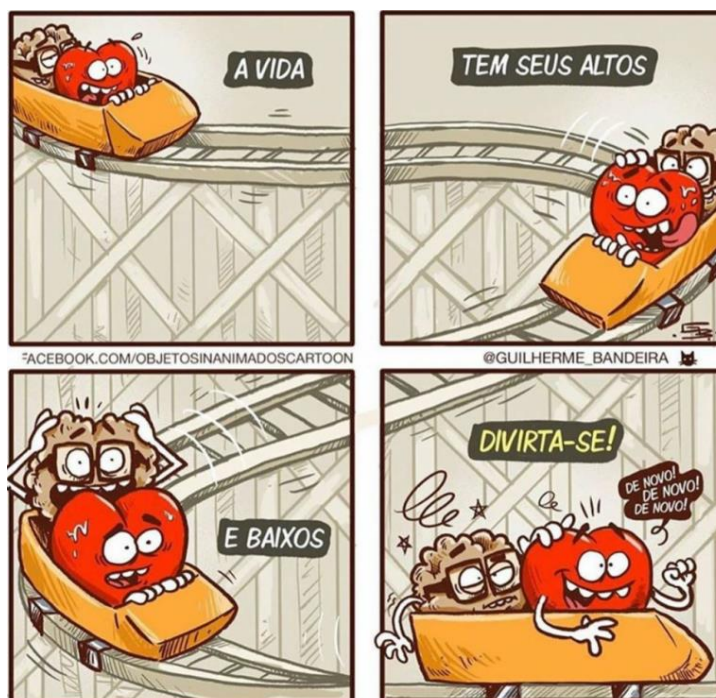
Portanto, os meados do século XX não foram apenas o ponto de partida da nova perspectiva vigorosamente levantada por Chomsky, mas também o ponto de maturação do que se convencionou chamar “virada pragmática”. Nessa perspectiva analisam-se muito mais os usos e funcionamentos da língua em situações concretas sem dedicação à análise formal. É a passagem da análise da forma para a função sociocomunicativa e o enquadre sociocognitivo (MARCUSCHI, 2008, p. 37).

Com Chomsky, a Linguística assume uma fase mentalista, integrando-a à Psicologia, o que viabilizou a investigação do desempenho do falante/ouvinte por linguistas e psicolinguistas. De acordo com Lima (2019), na Psicolinguística, o modo como acontece a representação do significado durante o processamento da língua passa a ser observado. Em outros termos, averigua-se como é realizado um modelo mental coerente no processo de compreensão das palavras, orações e textos pelo ser humano.

À vista disso, estabelece-se um vínculo com a Semântica para investigar como a mente faz para compreender, armazenar e produzir enunciados portadores de sentido, uma vez que alguns fenômenos linguísticos não podem ser explicados segundo as teorias tradicionais, pois “cada palavra é compreendida em termos de um *frame* (ou MCI)¹, onde se incluem conhecimento de mundo, experiências, percepções, culturas, comportamentos sociais, convenções etc.” (LIMA, 2019, p. 34). Tomemos, como exemplo, a metáfora presente na tira cômica que, frequentemente, é tratada como um ornamento da linguagem literária e com pouco valor cognitivo.

¹ Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), nos termos de Lakoff (1987), trata-se de estruturas cognitivas que permitem ao ser humano organizar os conhecimentos, criar e estruturar os espaços mentais.

Figura 1 – Metáfora conceitual: BOM É PARA CIMA; MAU É PARA BAIXO.



Fonte: Guilherme Bandeira. *Razão vs Emoção*. Publicação em: 12 nov. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4xdd8dnYfs/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

A expressão metafórica “A vida tem seus altos e baixos” faz parte de nosso vocabulário cotidiano, ao dizermos que na vida há momentos bons e ruins, em virtude de alguns dias serem melhores que outros. No entanto, só entendemos a asserção figurativa se deslocamos os conceitos linguísticos, com a finalidade de realizarmos projeções entre domínios e, assim, simplificarmos a compreensão do que foi dito. Ao fazermos isso, percebemos que a facilidade ou dificuldade no deslocamento está associada à orientação espacial: alto — baixo. Na charge, as personagens Razão e Emoção estão na montanha-russa da vida e evidenciam, por meio da linguagem não verbal, a existência de momentos bons (*altos*) e outros ruins (*baixos*), porém o jeito é se divertir e viver. Além disso, *alto* e *baixo* indicam movimentos constantes ao longo da vida, assim anunciados pela locução adverbial *de novo*.

Quanto às conexões estabelecidas entre os estados (bom/mau) e as noções espaciais (alto/baixo), Lakoff e Johnson (2002) explicitam que o fato de o conceito *vida* ser orientado PARA CIMA e PARA BAIXO implica na estrutura conceitual BOM É PARA CIMA; MAU É PARA BAIXO, porque despontam de nossa experiência física e

cultural. Essas projeções revelam a interdependência entre o corpo e a mente na linguagem, além de auxiliar na compreensão do mundo e refletirem em nossas ações.

A partir do exposto, ressaltamos que grande parte da linguagem ordinária é estruturada metaforicamente, entretanto fomos condicionados a pensar em metáfora como algo relacionado à literatura, por isso não a identificamos nas ações diárias.

a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

Segundo Lima (2019), a compreensão da expressão metafórica acontece graças ao compartilhamento de conhecimento entre pessoas, em virtude das diferenças culturais. Nesse contexto, a autora aborda a compreensão da palavra em termos de um *frame*, pois acessamos estruturas mentais abstratas desenvolvidas pelo conhecimento armazenado e provenientes de nossas experiências perceptuais e culturais, das quais operações cognitivas são realizadas, como o mapeamento metafórico e a inferência.

Na década de 1970, a insatisfação de semanticistas com as tendências clássicas a respeito da falta de explicações de alguns fenômenos linguísticos, como a metáfora, estimulou estudiosos interessados na relação entre língua e pensamento a investigarem de que maneira a estrutura linguística está representada na estrutura conceitual da linguagem.

Essa divergência levou à criação de uma nova corrente de estudos linguísticos no final dos anos 1980, a Linguística Cognitiva (LC), cuja preocupação central é investigar como a linguagem revela-se a partir das relações existentes entre o corpo humano e as experiências do indivíduo no mundo. Desse modo, o que era tido como idiossincrático e arbitrário passa a ser tratado pelos cognitivistas como sistemático e motivado, devido ao conhecimento extralinguístico ser requerido para adequar as estruturas linguísticas ao contexto de uso e construir novos enunciados, quando necessário.

De acordo com Lima (2019, p. 36), as ideias chomskyanas de que “as estruturas linguísticas são governadas por princípios essencialmente independentes do significado” são refutadas pela LC, pois a forma como entendemos o mundo viabiliza a criação de construções linguísticas adequadas à necessidade expressiva. Portanto, a sintaxe não é o elemento central dos estudos da língua, mas o significado.

Nesse ponto de vista, Ferrari (2020) assinala que

Como se sabe, a teoria gerativista postula que o módulo cognitivo da linguagem é independente de outros módulos cognitivos (como raciocínio matemático, a percepção etc.); além disso, no domínio da linguagem, reivindica-se a primazia do módulo sintático, que apresenta princípios próprios e independentes daqueles atuantes nos modos fonológico e semântico, por exemplo (FERRARI, 2020, p. 14).

Para a referida autora, a LC adota uma perspectiva não modular (mente corporificada) ao defender que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição, pois há interação entre os módulos da linguagem, como a estrutura linguística e conteúdo conceitual. Dessa forma, o significado não é concebido como reflexo objetivo do mundo, conforme postula a teoria gerativista, mas uma construção mental da qual o mundo é apreendido e experienciado, em um movimento contínuo de categorização e recategorização, desinente da interação de estruturas cognitivas e partilhamento de crenças socioculturais.

Dada a preocupação no modo como a estrutura da língua está representada na mente humana, Ronald Langacker, George Lakoff, Mark Johnson, entre outros teóricos, uniram-se à corrente teórica Semântica Cognitiva, configurada como uma das subáreas da LC, na qual investigam os sistemas conceituais, os significados e as inferências humanas. Lima (2019, p. 36-37) ressalta que

A Semântica Cognitiva está preocupada com a natureza da mente, ou seja, com a forma como os conceitos estão estruturados na mente e como construímos o significado (conceitualização). Portanto, os estudos em Semântica Cognitiva voltam-se tanto para a investigação da semântica linguística quanto para a modelagem da mente humana.

Ainda, segundo Lima (2019), os estudos da Semântica Cognitiva apoiam-se nos seguintes conceitos: a) a mente é inerentemente corpórea; b) o pensamento é, de modo geral, inconsciente; c) os conceitos abstratos são, em grande parte, metafóricos. Além disso, ocupa-se de uma relevante premissa de Lakoff (1987), em que as experiências corpóreas subjazem nos processos de construção da linguagem, pois a cognição humana está intrinsecamente ligada à experiência corpórea, social, cultural e histórica do homem.

A abordagem referente à mente corpórea implica repensar a visão cartesiana de uma mente que excede os limites do corpo, conforme preconizava Descartes, uma vez que “a estrutura da razão emerge assim dos detalhes pertinentes à nossa constituição corpórea” (PELOSI, 2014, p. 23). Por esse ângulo, os conceitos materializados nas formas linguísticas são moldados pelo sistema sensorio-motor e sistema conceitual humanos, juntamente com as crenças e valores sócio-históricos absorvidos da cultura da

qual fazemos parte. Nesse sentido, expressões metafóricas são construídas a todo instante, de modo inconsciente, pelas conexões entre o pensamento, as experiências corpóreas e o fator sociocultural, conforme podemos observar na charge de Jean Galvão (Figura 2), publicada no jornal Folha de São Paulo:

Figura 2 – Metáfora conceitual: MENTE É RECIPIENTE.



Fonte: Jean Galvão. Jornal *Folha de São Paulo*. Publicação em: 24 mai. 2020. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1665451251642050-charges-maio-2020>. Acesso em: 24 mai. 2020.

Acerca da charge (Figura 2), notamos expressões linguísticas atreladas às experiências corporais, como *espaços cheios* e *espaços vazios*. Por conseguinte, emerge a expressão metafórica MENTE É RECIPIENTE, pois as expressões linguísticas, somadas à imagem, possibilitam algumas inferências a partir do contexto de produção da charge, ao denotar comportamentos contraditórios durante a pandemia gerada pelo vírus da COVID-19². Em decorrência do rápido contágio entre as pessoas e o alto índice de mortalidade, os estados brasileiros determinaram uma quarentena, com a finalidade de reduzir a disseminação do vírus e não instaurar o caos no sistema público de saúde. No entanto, vários brasileiros desrespeitaram a medida de sair somente por necessidade e ocasionaram aglomerações em alguns lugares.

Com base no exposto, retomamos as expressões linguísticas *espaços cheios* e *espaços vazios* junto à imagem, para pontuar a manifestação do sentido de a mente ser um reservatório de algo, porém, na charge, avistamos lugares cheios com mentes vazias. Esse esvaziamento pode ser de informações, pensamentos, percepção da realidade,

² Segundo o Ministério da Saúde, *Corona Vírus Disease 2019* (COVID-19) é uma doença respiratória infecciosa, causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2.

posicionamento ou por não acatarem o isolamento social, enfim, o domínio linguístico passa a adquirir um significado além do material, sendo uma crítica social, já que “os fatores de ordem cognitiva sempre interagem com outros fatores, como o experiencial e o cultural” (PALOMANES, 2012, p. 42).

De acordo com Lima (2019, p. 39), os estudos para compreensão da mente corpórea são divididos em três níveis de corporificação dos conceitos:

- 1) *neural*: correspondente às estruturas que caracterizam conceitos e operações cognitivas;
- 2) *experiência consciente fenomenológica*: são os estados mentais, corpo, ambiente físico e interações físicas e sociais;
- 3) *inconsciente cognitivo*: condizente às operações mentais que estruturam a compreensão e o uso da linguagem.

Esses níveis não são independentes, pois a produção e a compreensão textuais abrangem a construção de domínios cognitivos organizados e interligados. Dessa forma, os conceitos linguísticos adquirem significações por meio das correlações realizadas entre os espaços mentais, integrados ao conhecimento partilhado e ao contexto de interação. Portanto, a linguagem é o processo de conceitualização e categorização do mundo, em que as formas linguísticas são instrumentos estruturadores da conceitualização.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), a metáfora faz parte do modo como pensamos e raciocinamos, porque está materializada na estrutura linguística que usamos para falar a respeito de vários conceitos com os quais lidamos diariamente. Nesse ponto de vista, o ser humano pode ser concebido como recipiente, no sentido de conter fluidos, no qual o esquema imagético mental projeta-se em um receptáculo cheio ou vazio. Por exemplo, ao falarmos de MENTE em termos de RECIPIENTE, há uma conceitualização e recategorização em expressões fraseológicas como:

- (a) Ando com a cabeça cheia / Penso por demais da conta (RUIZ; MOTTA, 2020);
- (b) Mente vazia, oficina do diabo (Ditado popular);
- (c) Você deve preencher a mente com pensamentos positivos;
- (d) Estou com muitas ideias na cabeça;
- (e) Tenha objetivos claros em mente.

Diante da constância da metáfora na linguagem convencional, Lima (2019) menciona que pensar o fato de a base da linguagem não ser literal rompe com o pressuposto estabelecido pelas visões tradicionais a respeito da noção de verdade, da qual certos conceitos extralinguísticos são tomados como verdades incontestáveis.

Na Lógica tradicional, assumida pelas vertentes clássicas dos estudos da Semântica, as condições de verdade daquilo que é dito são estabelecidas por referência a algo que existe no mundo externo. Essa noção de verdade, no entanto, não dá conta nem mesmo dos fenômenos linguísticos com expressões não metafóricas (LIMA, 2019, p. 33).

A metáfora foi tratada à margem dos estudos semânticos, como um desvio, entretanto a Semântica Cognitiva, ao propor explicar a representação do conhecimento (estrutura conceitual) e a construção dos significados (conceitualização), com base nas experiências do ser humano e no ambiente sociocultural em que está inserido, vislumbra a metáfora como um fenômeno cognitivo gerador de efeitos de sentidos, incorporando-a à disciplina como um dos relevantes objetos de estudo.

Em vista disso, a metáfora ultrapassa o plano estrutural da língua como figura de linguagem ao migrar para a esfera cognitiva, por causa de sua existência no cotidiano linguístico, no pensamento e nas ações das pessoas, assim conjecturado por Lakoff e Johnson (2002) a partir das metáforas conceituais, a serem compreendidas como uma experiência cognitiva, das quais serão observados os principais conceitos no tópico a seguir.

1.2 OS PROCESSOS DE CATEGORIZAÇÃO E RECATEGORIZAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Na perspectiva cognitivista, a linguagem não é independente da mente, pois a proposta teórica concentra-se em uma visão integradora, em que processos de pensamentos são subjacentes aos mecanismos linguísticos. Conforme elucidam Martelotta e Palomanes (2011), os cognitivistas não fazem distinção entre o conhecimento linguístico e o não linguístico, por haver uma relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiências vividas pelo indivíduo. Logo, seria insuficiente explicar uma língua somente pelas estruturas linguísticas. Nesse sentido, salientam que

Em termos mais específicos, podemos dizer que, de um modo geral, a proposta cognitivista leva em conta aspectos relacionados a restrições cognitivistas que incluem a captação de dados da experiência, sua

compreensão e seu armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados. É importante aqui registrar que esses aspectos somente se concretizam socialmente, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural (MARTELOTTA; PALOMANES, 2011, p. 179).

A Ciência Cognitiva, ao postular uma visão de mente corporificada, aponta que os conhecimentos linguísticos e de mundo estão inter-relacionados às estratégias cognitivas e alinhados a uma concepção de texto mais abrangente, em decorrência de o processo de compreensão se concretizar na interação e traduzir a dimensão cultural da cognição humana. A essa conjectura, relaciona-se outro prisma da perspectiva cognitivista: o processo de significação.

Segundo Martelotta e Palomanes (2011), os significados são construídos a partir de elementos contextuais relevantes e dinâmicos, que colaboram na construção de sentidos, pois “resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2011, p. 179). À vista disso, a atividade de categorização é relevante no funcionamento semântico da língua, pois, por intermédio desse processo, ordenamos em categorias acessíveis tudo o que está ao nosso entorno.

Conforme Ferrari (2020), quando categorizamos, agrupamos elementos com traços semelhantes em classes específicas de acordo com a nossa capacidade de memória, porque trata-se de uma habilidade mental materializada na linguagem, sendo a forma mais recorrente de interagir com o mundo.

Na verdade para falarmos do mundo, agrupamos um conjunto de objetos, atividades ou qualidades em classes específicas. Assim, um conjunto de objetos semelhantes (mas não necessariamente idênticos) atribuímos o nome árvore; fazemos referência a um conjunto de atividades com características julgadas similares usando expressões como *trabalhar*, *brincar*, e assim por diante. Da mesma forma, qualificamos as pessoas que compartilham determinadas características como *calmas*, *engraçadas* ou *tagarelas* (FERRARI, 2020, p. 31).

Desse modo, recorreremos às estruturas de conhecimentos partilhados socioculturalmente para relacionar um termo a uma categoria (objetos, animais, frutas, sentimentos etc.), por meio de ações cognitivas de identificação, classificação e organização de entidades.

Para Lima (2019), o processo de categorização é substancial na construção do conhecimento e, conseqüentemente, na produção de sentidos, pois “nossos raciocínios,

nossa compreensão do mundo e das experiências no mundo, bem como a maneira como vivemos e agimos no mundo, estão inerentemente relacionadas à forma como categorizamos” (LIMA, 2019, p, 40). Em outros termos, para falarmos de elementos mundanos, utilizamos as estratégias de categorização à medida que nos comunicamos e compartilhamos das mesmas concepções.

Ferrari (2020), apoiando-se em estudos de Eleanor Rosch *et al.*, apresenta as hierarquias conceituais estruturadas em níveis de inclusão de classes categoriais: o *nível básico de especificidade* e o *nível superordenado*.

No *nível básico de especificidade*, uma imagem mental pode representar toda a categoria, em virtude de suas características serem organizadas por similaridade ao atributo definidor, conforme alguns critérios citados por Ferrari (2020, p. 39):

- (i) Os indivíduos usam padrões de comportamento motor semelhantes para interagir com os membros da categoria.
- (ii) Uma imagem mental única pode representar toda a categoria.
- (iii) Os membros da categoria têm formas globais percebidas como similares.
- (iv) A maior parte das informações úteis e do conhecimento dos falantes sobre os membros da categoria são organizados.

Para exemplificar, tomemos as palavras *copo* e *xícara* mencionadas durante uma conversa entre as personagens Razão e Emoção (Figura 3):

Figura 3 – Categoria básica de especificidade.



Fonte: Guilherme Bandeira. *Razão vs Emoção*. Publicação em: 22 abr. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_Tjzf9Hmg8/. Acesso em: 22 abr. 2020.

Com base em Ferrari (2020), os termos *copo* e *xícara* obedecem aos critérios definidores da categoria básica, porque somos capazes de imaginarmos padrões de comportamentos relacionados aos objetos, como idealizarmos alguém fazendo mímica de que está bebendo em um copo ou em uma xícara. Embora seja possível a inserção dos dois termos à categoria hiperonímica *louça*, ao integrarmos esses utensílios a outros utilizados em refeições/culinária quando dizemos *preciso lavar a louça* ou *a louça está suja*, os padrões de comportamento são diferentes, graças às particularidades de cada objeto. Geralmente, um tem o formato cilíndrico e o outro possui uma alça para manuseio (popularmente chamada de *asa*), possibilitando projeções mentais de tais comportamentos. Sendo assim, estabelecemos uma imagem única de cada objeto, o que não ocorre com o hiperônimo *louça*, por ter um sentido mais abrangente. Reconhecemos em um copo e uma xícara suas formas globais similares a outros objetos de mesma utilidade, tendo em vista a organização das informações úteis compartilhadas entre os falantes, como o copo para beber água ou outra bebida e a xícara para beber café ou chá. Isso já não acontece com o termo *louça*, pois designa o gênero, enquanto os outros elementos de mesmo campo de sentido indicam a espécie³.

O *nível superordenado* corresponde à categoria hiperonímica, por apresentar um termo mais genérico em relação a outro mais específico. Isto é, em uma hierarquia de significado, esse nível é superior ao nível básico, condizente à categoria hiponímica. De acordo com Ferrari (2020, p. 40), o nível superordenado apresenta as seguintes características:

- (i) A semelhança entre os membros é baixa, em contraste com a semelhança entre os membros das categorias de nível básico.
- (ii) O número de atributos definidores de seus membros é mais baixo do que nas categorias de nível básico.
- (iii) Os nomes das categorias superordenadas são nomes não contáveis, enquanto os nomes das categorias de nível básico costumam ser contáveis.

Na tira cômica a seguir (Figura 4), a categoria superordenada *louça* é indicada pela metáfora visual, quando a personagem Emoção refere-se ao excesso de utensílios sujos.

³ Segundo Koch e Elias (2012), em uma relação semântica que estrutura o léxico das línguas em classes, gênero é o termo mais amplo, enquanto a espécie é o item lexical mais específico, por exemplo, prato designa a gênero enquanto prato raso ou prato fundo a espécie.

Figura 4 – Categoria superordenada.



Fonte: Guilherme Bandeira. *Razão vs Emoção*. Publicação em: 31 jul. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/guilherme_bandeira/. Acesso em: 31 jul. 2020.

Nesse exemplo, o termo *louça* engloba vários utensílios culinários, como colheres, garfo, faca, panelas, copo, xícara e prato, portanto, diz respeito ao conjunto de itens sujos, não diferenciando cada um, como revela a tira (Figura 3). Se pensarmos em cada membro da categoria *louça*, percebemos que os atributos definidores dos elementos são menores em relação aos da categoria básica *xícara*, já que pode ser xícara de café ou chá. No entanto, na categoria *louça*, os utensílios aproximam-se pela função, em razão de serem usados no preparo de refeições ou para colocar comida/bebida. Outro aspecto citado por Ferrari (2020) é a impossibilidade de contabilizar o termo *louça*, diferentemente dos utensílios especificados que são contáveis, conforme o exemplo: “Depois da festa lavei a *louça*: cinco travessas, vinte pratos e vinte copos” (FERRARI, 2020, p. 41). Nesse sentido, o fato de *louça* não ser contável confirma o pertencimento à categoria superordenada, enquanto a quantificação de *travessa*, *prato* e *copo* delinea os níveis básicos de categorização.

A respeito dessa hierarquia conceitual, Lima (2003, p. 34) frisa que os termos de nível básico são usados, frequentemente, como referentes, pois adquirimos essa categoria nos primeiros anos de vida. Além do mais, esse nível fornece imagens mentais e estruturas de conhecimentos mais ricas, ao dispor de “um maior número de ‘atributos distintivos’, isto é, não compartilhados com os outros conceitos do mesmo nível”.

Com relação às fronteiras categoriais, Ferrari (2020) aponta que, na visão experiencialista, não há limites rígidos entre categorias vizinhas, pois são baseadas na capacidade cognitiva de organizar, em uma única imagem mental, as informações úteis e o conhecimento enciclopédico do indivíduo acerca dos elementos da categoria, porque as entidades apresentam aspectos globais apreendidos como similares. Nessa perspectiva, quando a personagem Emoção menciona a infinitude da louça suja (Figura 4), forma-se a imagem mental de vários utensílios culinários englobados na categoria por meio de um processo cognitivo. Já na outra tira (Figura 3), não ocorre a categorização de *louça*, devido à diferenciação dos objetos por seus atributos, que possibilitam inferências associadas às especificações e por modelos de utilização socialmente aceitos, dos quais se compreende a adequação de uso para copo e xícara.

Outro ponto de destaque no estudo da categorização é a relevância do contexto e dos fatores culturais na tipificação, uma vez que promovem a reestruturação das categorias mediante um processo mental, viabilizando a identificação do exemplar mais típico de determinada categoria. Em outros termos, o indivíduo consegue construir o sentido a partir do acionamento de alguns mecanismos, como conhecimento prévio, contexto social, situação e aspectos culturais para (re)categorizar os termos.

Sob essa ótica, Ferrari (2020, p. 43) exemplifica com as seguintes sentenças: “Eles decidiram enfeitar a árvore do jardim de Natal / Os meninos passavam tarde inteiras trepados na árvore, colhendo mangas / A brisa balançava as árvores na orla baiana”. Tendo em vista o contexto linguístico e o sociocultural, o termo *árvore* presente nas sentenças forma diferentes imagens mentais:

- (a) para o Natal, costuma-se enfeitar um pinheiro;
- (b) a ação de os meninos colherem mangas remete-nos a uma árvore frutífera;
- (c) por fim, a informação espacial motiva-nos a imaginarmos coqueiros.

Esses exemplos indicam que tanto o contexto social quanto o modelo cultural armazenados em nossa mente influenciam a estrutura categorial e, conseqüentemente, o sentido.

De acordo com Koch (2014), a cultura é uma fonte de informações, cujos conhecimentos são estruturados na mente individualmente e acionados conforme a situação e o ambiente nos quais o indivíduo está integrado.

Entender a relação entre cognição e cultura seria, portanto, entender que conhecimentos os indivíduos devem ter para agir adequadamente dentro da cultura em que se inserem. Ou seja, desse ponto de vista, a

cultura é um conjunto de dados a ser preenchido, um conjunto de noções e de procedimentos a serem armazenados individualmente. A cultura é vista como um fenômeno em geral passivo, sobre o qual as mentes atuam (KOCH, 2014, p. 29).

As categorias já existentes em nossa memória funcionam como modelos interpretativos dos elementos constituintes do mundo. Portanto, a linguagem, pela função categorizadora, não reflete objetivamente a realidade mundana, mas a interpreta e a constrói.

Para Marcuschi (2007), o nosso modo de pensar e dizer o mundo está associado à cultura, à sociedade e à cognição, visto que, além de uma herança biológica, há a sociocultural, a qual influencia nossas experiências, pois, ao longo dos anos, conhecimentos são acumulados e repassados entre as pessoas, bem como novas ações são diferenciadas consoantes às situações. Logo, “a experiência não é algo natural e a percepção não se dá ingenuamente; ela é sempre construída” (MARCUSCHI, 2007, p. 85). Assim, a experiência é revelada no processo de categorização mediante um esforço coletivo, no qual integra os fatores social, histórico e cultural.

Ademais, para o autor, a categorização é uma atividade discursiva, em consequência de toda significação estar ligada aos processos inferenciais, em que os sentidos dos enunciados podem ser compreendidos por mais de um indivíduo. Com base no exposto, a realidade do mundo não é como configuramos e dizemos aos outros, porque tudo é discursivamente construído e linguisticamente comunicado, dado que “toda nossa expressão do mundo é uma articulação inferencial na base de categorias ou conceitos” (MARCUSCHI, 2007, p. 89). Portanto, atividades cognitivas, como produzir e compreender metáforas, são possíveis porque nosso dizer é mediado pelas categorias expressas discursivamente em decorrência de práticas inferenciais, nas quais partilhamos e construímos nossos conhecimentos socialmente, cuja representação dos objetos do mundo ultrapassa a materialidade linguística e se institui na construção de objetos de discurso.

Segundo Koch (2014), o objeto de discurso se (re)constrói e (re)categoriza durante a interação verbal, a qual estamos sempre negociando os sentidos construídos. Nas palavras da autora:

A realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural (KOCH, 2014, p. 48).

Podemos afirmar que nós transformamos, reconstruímos e recategorizamos os objetos de discurso constantemente, pois, uma vez introduzidos na memória discursiva, são evocados no curso da progressão textual.

A recategorização, defendida inicialmente por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), concentrava-se na retomada do objeto de discurso presente na materialidade textual, com a finalidade de atender o interlocutor. Posteriormente, Marcuschi (2007) e Koch (2014) corroboraram a tese de que a retomada do objeto de discurso não é limitada à superfície do texto, ao levarem em conta o processo de compreensão dependente de fatores cognitivos. Assim, abriram caminho para Lima (2017) ampliar o conceito de recategorização a partir da perspectiva da cognição como fenômeno situado e social.

Delineada por Lima (2017), a recategorização é um processo dinâmico, além da materialidade textual, que viabiliza a construção e a reconstrução de realidades discursivas, desencadeadas pela interação sociocognitiva e dialógica com o mundo. Nessa concepção, a recategorização pode ser configurada pela retomada do objeto de discurso não explícito na superfície textual, cujo processo de (re)construção efetua-se mediante as atividades inferenciais derivadas da sequência textual-discursiva. Dessa maneira, a autora ressalta os seguintes desdobramentos:

- (i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais (LIMA, 2009, p. 57).

Desse modo, compreendemos que o processo de recategorização nas variadas formas de quadrinhos envolve tanto o nível textual (elementos verbais e não verbais) quanto o nível cognitivo (informações armazenadas, contexto social e cultural), ao atuar na construção de novos referentes e novos sentidos. Veremos como o objeto é recategorizado na charge publicada (Figura 5) no jornal *on-line* Zero Hora:

Figura 5 – Processo de recategorização.



Fonte: Gilmar Fraga. Jornal *Zero Hora*. Publicação em: 17 jul. 2020. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/noticia/2020/07/gilmar-fraga-distancia_ckcpgpnp006g014741kpfme5.html. Acesso em: 17 jul. 2020.

A charge (Figura 5) faz menção à falta de acesso às aulas remotas após a suspensão do ensino presencial, a fim de conter a propagação do vírus da COVID-19 no país. Os efeitos de sentido são produzidos pela estruturação da híbrida linguagem do texto multimodal, ao caracterizar a mãe preocupada com o cumprimento do dever do filho quanto à aprendizagem, enquanto o filho revela a dificuldade em assistir à aula devido à desconectividade, assim afigurado sobre um morro, segurando o celular no alto, com a intenção de alcançar o sinal da *internet*, porém sem sucesso. A legenda *ensino a distância* ajuda a compor o sentido do texto, ao delinear a opção do Ministério da Educação pela retomada das aulas de modo virtual, para dar continuidade aos conteúdos pedagógicos. No entanto, especialistas da área da educação alertaram quanto às limitações desse modelo de ensino adotado no período da pandemia, por considerarem um reforço à desigualdade educacional e social, que envolve vários fatores: acesso restrito à tecnologia e internet de qualidade, escassez de recursos financeiros, rotina de estudos, ensino não democrático, evasão escolar, entre outros.

Nesse caso, o referente *ensino a distância* é transformado na dinâmica do discurso, ao ser recategorizado como *ensino distante*, ou seja, inexistente para alguns estudantes. Esse referente não é homologado textualmente por uma expressão referencial, mas reconstruído a partir de inferências que configuram a inviabilidade da aula remota por alunos privados de recursos financeiros e tecnológicos, assim

sinalizados no texto pela expressão *sem sinal* no sentido de ausência de algo, e pela linguagem imagética, ao traçar um conjunto de pequenas habitações sem infraestrutura adequada ou acesso a serviços públicos essenciais: casas simples, falta de pavimentação e dejetos escoados por um cano ao ar livre. Ademais, o acesso à internet não é prioridade para a população de baixa renda que carece do básico para uma sobrevivência digna. Desse modo, a linguagem não verbal aciona a recategorização, ao mobilizar conhecimentos culturais, sociais e políticos, a fim de compreender o sentido da charge.

A respeito da recategorização ancorada ou não no texto e em estratégias cognitivas, Lima (2017) versa que

o processo de recategorização não necessariamente se realiza na linearidade do texto, mas tem a sua configuração mais propícia a um movimento de circularidade que envolve tanto a superfície do texto quanto o seu entorno sociocognitivo (LIMA, 2017, p. 422).

A partir da concepção cognitivo-discursiva da recategorização, observamos um modelo cognitivo que licencia o processo de recategorização metafórica do referente *ensino a distância* como *sem sinal*, estruturado pela metáfora conceitual ENSINO A DISTÂNCIA É AUSÊNCIA, se levarmos em consideração que, ao estabelecer a educação remota como meio de ininterrupção dos conteúdos pedagógicos, foram ignoradas as limitações de uma parcela de estudantes privados de determinados recursos relativos ao acesso às aulas e aos materiais disponibilizados pelas instituições de ensino. Na charge em questão, a recategorização metafórica é responsável pela organização do efeito crítico, que ressoa um problema social, econômico e político. Como bem frisa Marcuschi (2007), o processo de compreensão torna-se possível e efetivo, devido ao conhecimento enciclopédico e à capacidade cognitiva similar e partilhada entre os indivíduos, em virtude do fator social.

A recategorização deriva da categorização no processo referencial e abrange as vivências, os usos dos conhecimentos do indivíduo, o propósito comunicativo dos interlocutores e a evocação de atividades inferenciais, para assegurar seu caráter extramaterial. Desse modo, as interpretações de usos metafóricos não se limitam às meras comparações, por considerarem a interação entre a linguagem e a experiência sociocultural dos indivíduos na (re)construção de objetos de discurso, mediante domínios explícitos ou domínios implícitos.

Neste estudo, adotamos a abordagem cognitivo-discursiva, a fim de compreender a relevância dos processos de categorização e recategorização na

construção dos significados procedentes da conceitualização metafórica presente nos quadrinhos.

1.3 TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

A insatisfação de pesquisadores da semântica conduziu ao desenvolvimento de teorias com o propósito de incorporar o significado à análise linguística, a fim de explicar fenômenos aos quais a perspectiva clássica era insuficiente, como a metáfora, que no decurso da história tornou-se objeto de reflexões de diversos campos. Isto se deve aos usos não literais de palavras e expressões que revelam a complexidade do código por seus variados sentidos. Por esse ângulo, Sardinha (2007) assinala que

Qualquer língua do mundo exibe uma complexidade tão grande que ninguém até hoje conseguiu descrever, muito menos explicar nenhuma delas por completo. Ninguém tampouco conseguiu aprender uma língua por inteiro. Sempre há mais palavras, frases inéditas e meios diferentes de juntar essas palavras ou frases (SARDINHA, 2007, p. 12-13).

A noção inicial da metáfora como recurso característico do uso da linguagem faz parte da tradição retórica com Aristóteles, no século IV a.C., na qual era tratada como uma figura mestra, com a finalidade de usar o nome de uma coisa para designar outra e criar um efeito especial à fala.

Por muito tempo, a metáfora foi limitada ao plano estrutural da língua, isto é, a uma figura de linguagem cuja intenção seria uma transferência de sentido. Entre teorias e divergências, chegaram às perspectivas mais contemporâneas, como a *metáfora do canal*, de Michael Reddy⁴ (1979), e a *metáfora conceitual*, de George Lakoff e Mark Johnson (1980), sendo a segunda a abordagem aqui proposta.

O trabalho de Reddy foi relevante ao evidenciar a metáfora como parte da linguagem cotidiana, sendo um componente essencial do modo ordinário de conceitualizar o mundo. Essa perspectiva favoreceu um distanciamento do enfoque objetivista do significado, fundamentado na concepção de verdades absolutas e incontestáveis sobre o mundo.

Lakoff e Johnson (2002) avançaram nos estudos concernentes à esfera da Linguística Cognitiva e divulgaram a Teoria da Metáfora Conceitual, no livro

⁴ Michael Reddy escreveu o ensaio *The Conduit Metaphor* (1979), traduzido como *Metáfora do Canal*, no qual investigou, em enunciados linguísticos, como conceitualizamos metaforicamente o conceito de comunicação.

Metaphors we live by (1980), traduzido para o português com o título *Metáforas da vida cotidiana* (2002). Partiram da análise de expressões linguísticas e inferiram um sistema conceitual metafórico subjacente à linguagem, o qual influencia nosso pensamento e nossa ação, ao recorrermos às experiências cotidianas mais concretas para falar de conceitos abstratos.

Ao observarem a teoria da metáfora do canal, Lakoff e Johnson (2002) notaram que o *corpus* analisado era regido por metáforas conceituais exteriorizadas de manifestações linguísticas cotidianas. Nessa acepção, firmaram que a metáfora transcende o falar a respeito da comunicação, ao abarcar o pensar e o agir dos falantes. Assim, verificou-se a frequência do uso das metáforas pelos falantes para expressar conceitos e ideias. Esse fato ocorre de modo inconsciente e espontâneo, por isso a dificuldade em perceber o seu uso, posto que os conceitos metafóricos já estejam estruturados na mente dos falantes de mesma língua e com mesma base social e cultural, favorecendo a identificação do significado.

Na maioria dos pequenos atos da nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, seguindo certas linhas de conduta, que não se deixam apreender facilmente. Um dos meios de descobri-las é considerar a linguagem. Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 46).

Em vista disso, os pesquisadores citados defendem que as experiências vividas pelo indivíduo têm base cognitiva e corpórea, pois grande parte do nosso funcionamento mental é moldada por nossas habilidades sensorio-motoras de percepção, raciocínio, memória, linguagem e emoções, ancoradas nas bases culturais dos indivíduos.

Conforme Sardinha (2007), o ser humano, por meio das expressões metafóricas, representa inúmeros conceitos de cultura, a partir da interação social compartilhada, fato que conduz à falsa impressão de que não é necessária a metáfora para expor nossos sentimentos ou pensamentos. Logo, o referido autor ressalta:

Vivemos de acordo com metáforas que existem em nossa cultura; praticamente não temos escolha; se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo etc., precisamos obedecer (*'live by'*) às metáforas que nossa cultura nos coloca à disposição (SARDINHA, 2007, p. 30).

Desse modo, a compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos passa a ser vinculada à concepção de metáfora, pois é um modo habitual e argumentativo de dizermos o que não seria bem expresso sem ela, devido à utilização de expressões

metafóricas para representar inúmeros conceitos em termos de outros. Para Lakoff e Johnson (2002), a metáfora auxilia na compreensão do que não pode ser compreendido em sua totalidade, como: os sentimentos, as práticas morais e a consciência espiritual.

Nesse sentido, algumas considerações relativas à teoria da metáfora conceitual, elencadas por Lakoff e Johnson (2002) e, posteriormente, por Sardinha (2007), são necessárias para a assimilação do funcionamento da metáfora em nossa mente, como um meio natural de estruturar o pensamento. Assim, listamos alguns conceitos, baseando-os na metáfora conceitual TEMPO É DINHEIRO (Quadro 1):

Quadro 1 – Conceitos da teoria da metáfora conceitual.

TEMPO É DINHEIRO		
CONCEITO	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Metáfora conceitual	Conceitualiza um domínio de experiência em termos de outros.	Fornece o conceito metafórico de que tempo seria um bem valioso.
Expressão metafórica	A expressão linguística é uma manifestação da metáfora conceitual.	Quando dizemos <i>gastar tempo</i> , <i>poupar tempo</i> , <i>investir tempo</i> etc.
Domínios	A partir do domínio-fonte, um termo é conceitualizado metaforicamente. O domínio-alvo refere-se ao termo que desejamos conceitualizar. Um mesmo domínio-fonte pode se enquadrar em outros domínios-alvo.	Domínio-fonte: <i>dinheiro</i> faz parte da nossa vivência, portanto, é algo concreto; Domínio-alvo: <i>tempo</i> é abstrato, porém com a metáfora torna-se <i>concreto</i> .
Mapeamentos	São as relações feitas entre os domínios.	<i>Tempo</i> é um bem valioso: TEMPO É DINHEIRO; <i>Tempo</i> é um recurso limitado: TEMPO É RECURSO LIMITADO.
Desdobramentos	São as inferências realizadas em detrimento da metáfora conceitual.	Se <i>tempo</i> é algo precioso, assim como o dinheiro, podemos pensar que é preciso economizá-lo; Se <i>tempo</i> é um estoque finito, assim como uma fortuna que pode esgotar, então devemos usá-lo com prudência.

Fonte: LAKOFF, JOHNSON (2002; p. 50-52); SARDINHA (2007, p. 30-32).

Esses conceitos são necessários para compreender o acesso à metáfora conceitual, uma vez que ela acontece automaticamente em nossa mente, materializando-se em expressões metafóricas correspondentes no dia a dia, como:

- (a) Estou *desperdiçando* o meu tempo com você;

- (b) Você me faz *perder* tempo;
- (c) Fazendo o trabalho desse jeito, vou *poupar* horas;
- (d) Eu não *tenho* tempo *disponível*;
- (e) Como você *gasta* seu tempo?;
- (f) Aquela fila no supermercado me *custou* uma hora;
- (g) Tenho *investido* muito tempo no trabalho;
- (h) O tempo está *esgotando*;
- (i) Devemos *administrar* bem o nosso tempo;
- (j) *Reserve* algum tempo para atividades prazerosas;
- (k) Isso *vale* a pena?.

Conforme Lakoff e Johnson (2002), em nossa cultura, o termo *tempo* é visto como algo valioso, utilizado para alcançar nossos objetivos. Nesse ponto de vista, *tempo* é comparado com o dinheiro, pois o trabalho é associado pelo tempo que toma das pessoas, e o dinheiro como a forma de pagamento por horas, semanas, meses e anos.

Nesse sentido, a metáfora é considerada um fenômeno cognitivo presente no sistema conceitual e utilizada, frequentemente, na linguagem, não sendo apenas um recurso linguístico específico, como conjecturou Aristóteles, mas resultado das interações sociais de determinada cultura. Segundo Lakoff e Johnson (2002),

O fato de nosso sistema conceptual ser inerentemente metafórico, o fato de compreendermos o mundo, de pensarmos e de agirmos em termos metafóricos e o fato de as metáforas não poderem ser simplesmente compreendidas, mas também poderem ser significativas e verdadeiras — todos esses fatos sugerem que uma teoria adequada do sentido e da verdade só pode ser baseada na compreensão (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 292).

Nesse contexto, a Teoria da Metáfora Conceitual contrapõe-se à visão objetivista, pois Lakoff e Johnson (2002) postulam a verdade baseada na compreensão, posto que o sistema conceitual humano é metafórico e, já mencionado, fundamentado em nossas experiências físicas, culturais e interacionais. Portanto, não se enquadra em um sistema absoluto e incontestável sobre o mundo.

Nessa perspectiva, a verdade é relativa a um sistema conceitual e às metáforas que o estruturam, portanto, o sentido é corporificado e alicerçado em nossas vivências. Em outros termos, quando conceitualizamos metaforicamente uma coisa em termos de outra, as vivências são o suporte para a compreensão de nossas experiências, conceitos, entidades e objetos.

A partir dos apontamentos de Lakoff e Johnson (2002) e Sardinha (2007), as metáforas podem ser divididas em categorias, conforme o quadro a seguir (Quadro 2):

Quadro 2 – Principais tipos de metáfora conceitual.

TIPO DE METÁFORA	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Estruturais	São aquelas que estruturam metaforicamente um conceito em termos de outro.	AMOR É VIAGEM: “Veja <i>a que ponto nós chegamos</i> ” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 104).
Orientacionais	São aquelas que organizam um sistema de conceitos em relação a um outro e envolvem a orientação espacial.	FELIZ É PARA CIMA: “Meu astral <i>subiu</i> ” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 60).
Ontológicas	São aquelas que transformam um conceito abstrato em entidade, substância ou objeto.	MENTE É UMA MÁQUINA: “Estou um pouco <i>enferrujado</i> hoje” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 79).
Personificação	É quando as metáforas ontológicas concebem objetos em pessoas.	INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO: “A inflação <i>atacou o alicerce</i> de nossa economia” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 88).
Primárias	São as metáforas básicas, compartilhadas culturalmente e motivadas por aspectos sensório-motores.	BOM É PARA CIMA: “Ele faz um trabalho de <i>alta</i> qualidade” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 63).

Fonte: LAKOFF, JOHNSON (2002, p. 59-141); SARDINHA (2007, p. 34-35).

A identificação desses tipos de metáforas conceituais partiu das definições dos domínios fonte e alvo, ao se manifestarem por mapeamentos projetados de expressões linguísticas cotidianas.

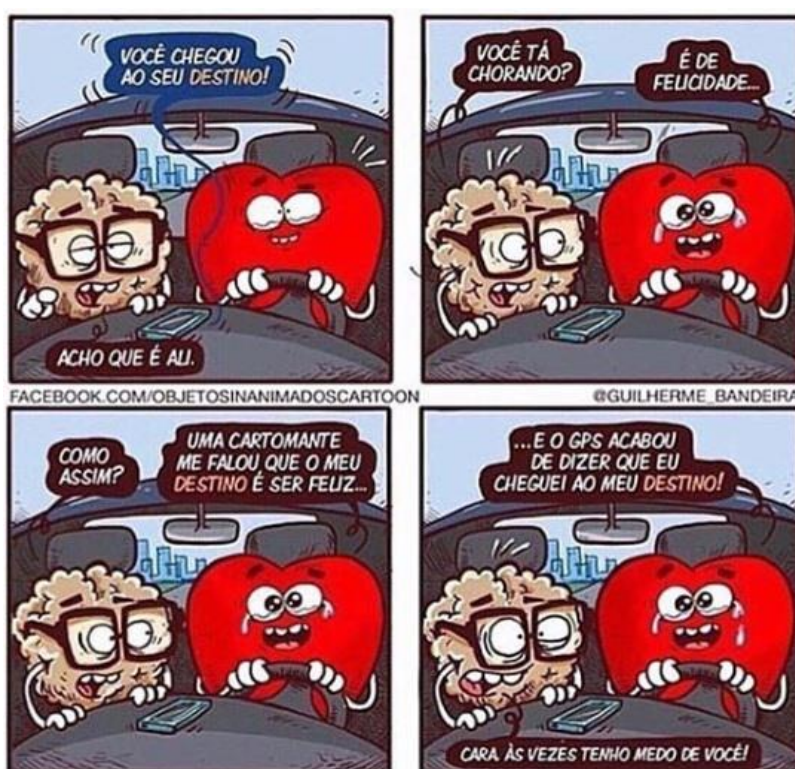
De acordo com a Teoria da Metáfora Conceitual, o domínio-fonte e o domínio-alvo são acionados automaticamente, sendo o primeiro um domínio concreto por ser advindo da nossa experiência, enquanto o segundo domínio não é tão bem definido em termos próprios, mas em termos de outros ao serem materializados na fala e na escrita por expressões metafóricas. Em virtude disso, as palavras orientam a construção do sentido mediante a construção cognitiva realizada no momento em que o mundo é apreendido e experienciado, conforme defende Ferrari (2020).

Nessa perspectiva cognitiva, a linguagem manifesta-se das relações existentes entre o corpo humano e as experiências de mundo. Como assinala Silva (1997):

As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual (SILVA, 1997, p. 59).

Os mapeamentos são possíveis porque as metáforas conceituais licenciam ou motivam as expressões metafóricas, para que não sejam entendidas somente no modo literal, mas também estabeleçam o sentido desejado, como ilustra a tira cômica (Figura 6) a seguir:

Figura 6 – Expressões metafóricas licenciadas por metáfora conceitual.



Fonte: Guilherme Bandeira. *Razão vs Emoção*. Publicação em: 07 out. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/objetosinanimadoscartoon/photos/2564461196972225>. Acesso em: 23 set. 2020.

Na tira cômica (Figura 6), é possível observarmos as diferenças nos usos das expressões, pois o enunciado referenciado pelo dispositivo de localização GPS *Você chegou ao seu destino!* indica o local pretendido pelas personagens Razão e Emoção, portanto, é interpretável no modo literal. Já na última vinheta, o entendimento é outro para a personagem Emoção, que acredita ter encontrado a felicidade. Esse sentido é possível porque foi motivado pela metáfora conceitual DESTINO É FELICIDADE e

materializado nas expressões metafóricas *destino é ser feliz e o amor chegou ao seu destino*.

As estruturas do conhecimento armazenadas na memória são decisivas na construção do sentido, por contribuírem no processo de compreensão e suscitarem a diferenciação de enunciados como os mencionados na tira cômica (Figura 6). Assim, Ferrari (2020) frisa a necessidade de conhecimentos de mundo para estabelecermos uma fusão de significados ao construirmos o sentido, pois “são essas estruturas que nos permitem explicar por que a interpretação envolve sempre mais informações do que aquela diretamente codificada na forma linguística” (FERRARI, 2020, p. 49).

Nessa concepção, ao (re)construirmos o sentido pelo processo inferencial, usamos mecanismos coadjuvantes no preenchimento das lacunas textuais, como a categorização e a recategorização. No entanto, esses meios são viabilizados pelos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), teorizados por Lakoff (1987).

Segundo Lakoff (1987), o indivíduo tem a capacidade de formar modelos cognitivos idealizados que organizam o conhecimento e as categorias. Esses modelos são apreendidos em termos de corporalidade, contudo não são representações diretas da realidade mundana. Para mais, envolvem aspectos de simulações imaginativas da cognição, como a metáfora, que migra da esfera estrutural para a esfera cognitiva da língua, consistindo em um instrumento de compreensão do mundo.

Em virtude disso, o significado não é preditivo a partir das formas que o evocam, mas estruturado a partir da experiência, pois “os MCIs são estruturas cognitivas que constituem domínios nos quais os conceitos adquirem significação” (LIMA, 2017, p. 415). Portanto, as experiências corpóreas subjazem nos processos de construção da linguagem. Desse modo, as metáforas abrangem diferentes domínios da experiência, assim como a projeção da estrutura de um domínio-fonte em uma estrutura de domínio-alvo, ao nortearem nossa compreensão. De acordo com Lima (2017), há cinco tipos de MCIs: i) proposicionais; ii) de esquemas de imagens; iii) metafóricos; iv) metonímicos; e v) simbólicos. No entanto, neste trabalho, abordaremos apenas dois modelos: proposicionais e metafóricos.

O modelo proposicional refere-se ao *frame*, cujo conceito é explicitado pela Teoria da Semântica de *Frame*, desenvolvida por Charles Fillmore (1982). O *frame* delinea o modo como vemos o mundo à nossa volta, pois é um sistema estruturado de conhecimento armazenado na memória e construído culturalmente.

À vista disso, Ferrari (2020) cita que a construção dos sentidos das palavras e de sentenças depende da associação de *frames* a processos de categorização, pois

a interpretação de uma determinada palavra, ou de um conjunto de palavras, requer o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas de experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência (FERRARI, 2020, p. 50).

Desse modo, o modelo cognitivo depende de um conhecimento individualmente idealizado, porém compartilhado pelos membros de um grupo social. Assim, palavras e construções evocam *frames* conceituais, como se fossem estruturas em contínua construção derivadas da experiência.

Para Ferrari (2020), a noção de *frame* nos ajuda a entender o porquê de o *estacionamento rotativo* não ser um estacionamento giratório em nossa cultura, por exemplo. A palavra estacionamento evoca todo um domínio: carros, vagas, provisório, guichê de pagamento e pagamento por hora, enquanto o outro domínio, por imaginação, auxilia a idealizar a rotatividade. Se o significado fosse apenas composicional, poderíamos pensar que *estacionamento rotativo* trata-se de um lugar em que carros rodam em movimento circular, mas, na verdade, a rotatividade é algo que somos capazes de conceber por revezamento, a partir de um domínio da experiência (domínio-fonte) para outro domínio conceitual (domínio-alvo) que necessita ser estruturado para a compreensão.

Com base nos moldes propostos por Lakoff e Johnson (2002), o domínio-fonte é estruturado por um modelo proposicional, ou seja, do tipo *frame*, para a estrutura correspondente no domínio-alvo. Assim, um conceito metafórico pode estruturar uma atividade cotidiana, por exemplo, a metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, que licencia expressões metafóricas como “Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação” e “*Destruí* sua argumentação” (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 46). Nesse caso, há uma projeção de base experiencial que mapeia parcialmente a estrutura do MCI no domínio-fonte GUERRA para a estrutura no domínio-alvo DISCUSSÃO, visto que

Muitas das coisas que *fazemos* numa discussão são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. Embora não haja batalha física há uma batalha verbal, que se reflete na estrutura de uma discussão — ataque, defesa, contra-ataque etc. É nesse sentido que DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivemos na nossa cultura; ela estrutura as ações que realizamos numa discussão (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 47).

Ainda, segundo os autores, o mapeamento estrutura nossas ações e a nossa compreensão das ações quando discutimos, porque “*a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra*” (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 46-47). Portanto, o conceito, a ação e a linguagem são metaforicamente organizados, uma vez que configuramos *discussão* dessa maneira ao falarmos, além de agirmos consoante ao nosso modo de conceber as coisas. Essa concepção descreve o modelo cognitivo metafórico, pois o pensamento é, em grande parte, metafórico, e possibilita o licenciamento de expressões linguísticas por existirem em nosso sistema conceitual, integrando a metáfora não apenas a linguagem, mas a nossa vida.

Para Lima (2017), quando realizamos o mapeamento entre os domínios, há uma transferência de muitos aspectos do domínio-fonte para o domínio-alvo. Dessa forma, as metáforas conceituais são um dos modelos cognitivos licenciadores do processo de recategorização denominado recategorização metafórica. Em outras palavras, a recategorização metafórica não é homologada pela retomada anafórica explícita, mas pelos modelos cognitivos sinalizados por pistas linguísticas.

Diante do exposto, mencionamos que as metáforas primárias resultam de MCIs, a fim de simplificar a compreensão de algo já dito. Essa capacidade cognitiva envolve nossa experiência sensório-motora, de construir e negociar conceitos em sociedade, porque permite relacionar esquemas imagéticos a *frames*. A todo o momento, (re)configuramos essas relações pelas nossas práticas discursivas, portanto, não são preestabelecidas.

Outro aspecto abordado por Ferrari (2020) são os efeitos prototípicos dos modelos cognitivos, que, por serem idealizados, podem apresentar adequações ao mundo em variados graus. De outro modo, na sociedade há modelos cognitivos que podem ser perfeitamente correspondentes à determinada situação ou não, posto que “a gradiência surge do grau em que o MCI não gradiente corresponde ao nosso conhecimento de mundo” (FERRARI, 2020, p. 55).

Sob esse ponto de vista, a gradiência é relativa à aplicação de conceitos conforme a nossa percepção perante situações que não coloquem em desacordo o modelo cognitivo com o nosso conhecimento. Para Ferrari (2020), a aplicabilidade de um conceito será em maior grau quando houver maior adequação entre o MCI e o nosso conhecimento de mundo, entretanto será em menor grau e menos apropriada, quando a correspondência for menor. Isso quer dizer que os significados são construídos e reconstruídos dependendo das situações nas quais os indivíduos estão inseridos.

Ademais, os MCIs estão ligados aos padrões de interação e comunicação, portanto, podem variar entre os grupos sociais.

Essas observações mantêm e reiteram a ideia fundamental da Teoria da Metáfora Conceitual, a qual trata a metáfora como um recurso cognitivo do cotidiano, transcendente à concepção tradicional, com conceitualizações metafóricas responsáveis por produzir novos significados, amparados nas experiências socioculturais vividas pelo ser humano, possibilitando o licenciamento de expressões linguísticas por existirem em nosso sistema conceitual. Por sua vez, o mapeamento é parcial e seletivo, pois nem todas as características do domínio-fonte são mapeadas para o domínio-alvo, somente serão viáveis aquelas necessárias para a construção do sentido pretendido.

2 CAPÍTULO 2

GÊNEROS QUADRINÍSTICOS

“O riso, dom de Deus, unicamente ao homem concedido, é aproximado do poder do homem sobre a terra, da razão e do espírito que apenas ele possui.”

(BAKHTIN, 1987, p. 59)

Neste capítulo, abordamos os gêneros quadrinísticos, que, por décadas, foram publicados nas páginas dos jornais, conquistaram espaço e popularidade, sendo considerados um veículo de comunicação de massa. Atualmente, são acondicionados ao hipergênero história em quadrinhos, por apresentarem características similares, como os cartuns, as charges, as tiras (cômicas, seriadas e cômicas seriadas), ao utilizarem uma linguagem particular para compor narrativas dentro de contexto sociolinguístico interacional. Em outro momento, mencionamos a materialização de representações ideológicas nos discursos presentes nos quadrinhos, nos quais o pensamento conceitual e a linguagem são indissociáveis. Para mais, os efeitos de humor são referenciados, pelo fato de os quadrinhos estarem atrelados ao cômico, à ironia e à crítica social.

2.1 NOÇÃO DE HIPERGÊNERO *HISTÓRIA EM QUADRINHOS*

A evolução da indústria tipográfica e o aparecimento de diversos jornais foram um terreno fértil para o surgimento das histórias em quadrinhos como um produto de consumo massivo, cuja publicação era, a princípio, aos domingos nas páginas dos jornais norte-americanos. Depois passaram a ter publicações diárias e com temas diversificados.

Com o final de Segunda Guerra Mundial, surgiram histórias de terror e suspense nas revistas de quadrinhos, com representações muito realistas. Os quadrinhos foram disseminados por todos os países, com uma infinidade de títulos a serem consumidos por um público cada vez maior. Essa popularidade despertou uma preocupação na sociedade a respeito da influência desse tipo de história sobre os jovens leitores, visto que, por apresentarem objetivos comerciais, classificavam os quadrinhos

como uma leitura inferior às outras, sem contribuição cultural e moral. Portanto, havia a suposição de que crianças e jovens se afastariam de leituras mais profundas.

Somente nas últimas décadas do século XX, as histórias em quadrinhos deixaram de ser um objeto de restrição, ao perceberem que se veiculava mais preconceito do que fundamentos para essa estigmatização. Assim, foram redescobertas e aceitas como uma forma de manifestação artística e um rico meio de comunicação, ao serem analisadas por sua especificidade narrativa.

Na contemporaneidade, vários suportes são o veículo de repercussão das tiras cômicas, charges, cartuns e outros, assim como a *internet*, pelas *webcomics*, jornais *online*, blogues, redes sociais (*Facebook* e *Instagram*), e na área de ensino, ao figurarem livros didáticos, apostilas, atividades e vestibulares. Segundo Ramos (2011), com o tempo, os quadrinhos receberam outro olhar e passaram a ser incluídos na perspectiva linguístico-textual.

Nesse aspecto, particularmente as tiras são a expressão máxima de um texto “híbrido”, não enquanto mescla de “oral e escrito”, como temos advogado em pesquisas particulares, mas enquanto mescla de “verbal e visual”. O verbal das tiras é escrito como letras e outros sinais gráficos. O visual é icônico, iconográfico e plástico, com figuras, desenhos, cores e formatos (RAMOS, 2011, p. 8).

Para Ramos (2020, p. 14), “ler quadrinhos é ler sua linguagem”, pois há um diálogo entre os códigos verbais e imagéticos, garantindo o *status* de “linguagem autônoma⁵”, posto que “quadrinhos são quadrinhos” (RAMOS, 2020, p. 17). Portanto, há distinção quanto à linguagem literária, por apresentarem características próprias e acolherem vários gêneros diferentes com traços em comum. À vista disso, o autor faz um levantamento de alguns aspectos sobre os quadrinhos:

- (i) vários gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos;
- (ii) há predomínio de sequência ou tipo textual narrativo;
- (iii) podem apresentar personagens fixos ou não;
- (iv) o formato do gênero pode influenciar na quantidade de quadrinhos;
- (v) a terminologia do gênero, o formato, o suporte e o meio de publicação agregam informações ao leitor;
- (vi) o uso de imagens é predominante, mas pode ocorrer de fotografias serem usadas para compor a narrativa.

⁵ Para Cirne (1970), Eisner (1989), Acevedo (1990) e Ramos (2020), a leitura dos quadrinhos configura uma *linguagem autônoma*, ou seja, utiliza recursos próprios para representar os elementos narrativos.

Segundo Ramos (2020), a flutuação terminológica das narrativas de humor é resultante do desconhecimento das características das histórias em quadrinhos e seus diferentes gêneros. Nesse sentido, a pluralidade de rótulos que circulam em vários meios, como tira, tirinha, tira cômica, tira jornalística, charge, cartum e até piadas, podem dificultar a leitura, pois a percepção de cada gênero viabiliza informações relevantes para uma leitura profunda e crítica dos quadrinhos.

Charge e tira cômica, por exemplo, são textos unidos pelo humor, mas diferentes no tocante às características de produção. Para ficar em apenas uma distinção: a charge aborda temas do noticiário e trabalha em geral com figuras reais representadas de forma caricata, como os políticos; a tira mostra personagens fictícios, em situações igualmente fictícias (RAMOS, 2020, p. 16).

Em relação aos gêneros quadrinísticos, Ramos (2020) baseia-se nas ideias de Mikhail Bakhtin para explicar os diferentes formatos de produção de quadrinhos agrupados em um grande rótulo. O estudo a respeito dos gêneros esteve atrelado à literatura por muito tempo, no entanto Bakhtin (2016) forneceu subsídios teóricos mais amplos, abrindo novas perspectivas, ao considerar gêneros literários e não literários, porque cada esfera de comunicação da língua elabora “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016, p. 12).

Para definir a noção de gênero, é preciso levar em conta a ancoragem social do discurso, sua natureza comunicacional, as regularidades composicionais dos textos ou, ainda, suas características formais. Esses diferentes aspectos estão ligados e criam afinidades acerca das condições de produção do discurso, que amparam a denominação *gênero do discurso*, em consequência de serem constituídos sócio-historicamente.

Por esse ângulo, a aproximação dos quadrinhos com a literatura, a fim de encontrar nomenclaturas socialmente prestigiadas, não é viável, pois os quadrinhos têm sua própria linguagem, mesmo estando interligados a diferentes linguagens, como o cinema, o teatro, a caricatura, a fotografia e até mesmo a literatura. Assim, menciona Ramos (2020), a título de exemplo, o espaço da ação presente dentro dos quadrinhos; o tempo identificado no decorrer da narrativa ou sintetizado em uma única cena; e as falas lidas em balões para representar o discurso direto. Veremos esses recursos na tira cômica a seguir (Figura 7):

Figura 7 – Espaço, tempo e balão nas tiras cômicas.



Fonte: Clara Nunes. *Bichinhos de jardim*. Publicação em: 16 jul. 2020. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/em-plena-atividade/>. Acesso em: 30 out. 2020.

A tira cômica (Figura 7) exhibe a sequência narrativa da história, assim como alguns recursos da linguagem dos quadrinhos, como: o espaço em que a personagem Maria Joanhinha está confinada, sendo o próprio quadrinho; o tempo representado pela comparação entre a vinheta anterior e a seguinte, além da movimentação da personagem; e os balões simulando a oralidade.

Conforme Ramos (2011), literatura e quadrinhos são linguagens diferentes. Os quadrinhos possuem peculiaridades e devem ser pensados em concordância com os gêneros do discurso, pois os diferentes modos de produção possuem um aspecto em comum: a narratividade desdobrada em quadrinhos. Se focarmos nas charges e nas tiras cômicas, por exemplo, constataremos a distinção nas propostas de sentido, mas também as semelhanças quanto à sequência narrativa e à linguagem dos quadrinhos, sendo insuficiente um único gênero do discurso para ambos. Dessa forma, referenciamos como “gêneros que compartilham uma mesma linguagem em textos predominantemente narrativos” (RAMOS, 2020, p. 21). Portanto, na visão do autor, classificar quadrinhos de literatura é criar um rótulo socialmente aceito para justificar a visão histórica na qual era depreciado.

Sob a ótica de Bakhtin (2016), a pluralidade de gêneros nas práticas interativas aponta para a recorrência de determinados elementos, proporcionando estabilidade, mas também a constante mudança resultante do processo de adaptação às situações ao longo do tempo, pois os gêneros não são fixos, mas construídos no processo de interação sociocognitiva e moldados pela situação comunicativa.

Para Ramos (2009), nessa estabilidade relativa há um equilíbrio entre os elementos que podem evidenciar algumas características comuns aos gêneros, mas também podem consolidar outro gênero, já que “cada um possuiria uma estrutura

composicional, um tema e um estilo” (RAMOS, 2009, p. 358). Por esse ângulo, alguns gêneros quadrinísticos teriam se adaptado ao gosto do público-leitor e ao sucesso de vendas, facilitando a fixação de alguns formatos e alteração de outros, como: os variados rótulos das tiras; as tiras de aventura que ao serem compiladas, configuraram as revistas de aventuras; e os *comic books*, que originaram as novelas gráficas.

Fiorin (2016), ao servir-se do conceito de gênero do discurso bakhtiniano, menciona que o destaque deve ser para o termo *relativamente*, pois indica a historicidade dos gêneros, no sentido das mudanças no decorrer dos anos e a imprecisão nas características e fronteiras dos gêneros. Assim, ressalta que

Não só cada gênero está em incessante alteração, também está em contínua mudança seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido. Com o aparecimento da internet, novos gêneros surgem: o chat, o blog, o e-mail, etc. A epopeia desaparece e dá lugar a novos gêneros (FIORIN, 2016, p. 73).

Com base no exposto, Ramos (2011) percebeu a necessidade de agrupar os diferentes gêneros em uma categoria maior — um hipergênero chamado *história em quadrinhos* —, por manifestar coordenadas de formatação textual de vários gêneros com aspectos comuns. A nomenclatura *hipergênero* foi embasada na teoria de Dominique Maingueneau (2006), referente à rotulação, na qual menciona os aspectos formais do texto como organizadores e categorizadores de diversos gêneros, além de serem influenciadores no modo de leitura do interlocutor.

Ressaltamos que Adair Bonini (2011), fundamentado na teoria dos gêneros textuais, apresenta outro conceito de hipergênero, o qual é compreendido como um enunciado bakhtiniano, e não como um princípio organizador associado ao modelo de formatação textual, conforme a proposição de Maingueneau (2006). No entanto, tratando-se de quadrinhos, a visão de Maingueneau enquadra-se ao sentido de agrupamento de gêneros com elementos em comum. Sendo assim, seguiremos esta concepção teórica quanto ao hipergênero, pois os diversos gêneros quadrinísticos estariam acomodados sob um “grande guarda-chuva”, posto que “todos esses gêneros teriam em comum o uso da linguagem em quadrinhos para compor um texto narrativo dentro de um contexto sociolinguístico interacional” (RAMOS, 2020, p. 20).

À vista disso, os gêneros quadrinísticos, ao disporem de características compartilhadas, sugerem a oscilação de seus nomes, em razão de não serem consideradas, de forma criteriosa, as especificidades de cada produção, fomentando a

impressão de um único gênero, quando na verdade são diferentes com recursos em comum, assim pontuado por Ramos (2011; 2020). Por esse motivo, o hipergênero, na acepção de agrupamento, é pensado de acordo com certos critérios que estabelecem aproximação entre os diversos gêneros do discurso, porém cada um exprime particularidades a serem apreciadas. Veremos algumas características dos gêneros do discurso (tira cômica, charge e cartum) dispostas no quadro abaixo (Quadro 3), a fim de apontar as diferenças entre eles:

Quadro 3 – Características dos gêneros quadrinísticos.

CARACTERÍSTICAS	TIRA CÔMICA	CHARGE	CARTUM
Conceito	Texto curto utilizado para veicular uma história em quadrinhos	Texto de humor vinculado a algum fato ou tema do noticiário jornalístico	Texto humorístico ligado a temas gerais e sem relação com a notícia
Temática	É diversificada: humor, infantil, super-herói, mistério etc.	Está relacionada ao momento de produção, há uma relação intertextual com a notícia	É diversificada e universal
Tempo	Atemporal	Temporal	Atemporal
Humor	Apresenta expectativa e desfecho inesperado	Crítica social, política e econômica	Crítica aos costumes, aos comportamentos e a condição humana
Formato	Apresenta o modelo tradicional (tira) com poucos quadrinhos, porém, pode variar	Usualmente, é limitado a um quadrinho	Em geral, apresenta um quadrinho
Personagens	São fictícios e podem ser fixos ou não	Figuras públicas caricatas	São caricatas e apresentam comportamentos sociais reconhecíveis pelo leitor
Aspectos estáveis	Linguagem dos quadrinhos e narratividade	Linguagem dos quadrinhos e narratividade	Linguagem dos quadrinhos e narratividade

Fonte: RAMOS (2011, p. 83-120); RAMOS (2020, p. 15-30).

Além de todos os recursos da linguagem dos quadrinhos, o formato é um critério enfatizado por Ramos (2020), devido à sua ligação à evolução histórica da linguagem e à influência na narrativa gráfica, pois “o estabelecimento de formatos fixos cria, então, padrões reconhecíveis para os leitores e ajuda a determinar a estrutura

narrativa dos gêneros” (RAMOS, 2011, p. 87). As tiras, por exemplo, apresentam um modelo padrão (horizontal, retangular e com a extensão de até três quadrinhos), assim definido pelo suporte de publicação, em decorrência de os jornais ajustarem a história ao tamanho disponível na página, conforme o exemplo a seguir (Figura 8):

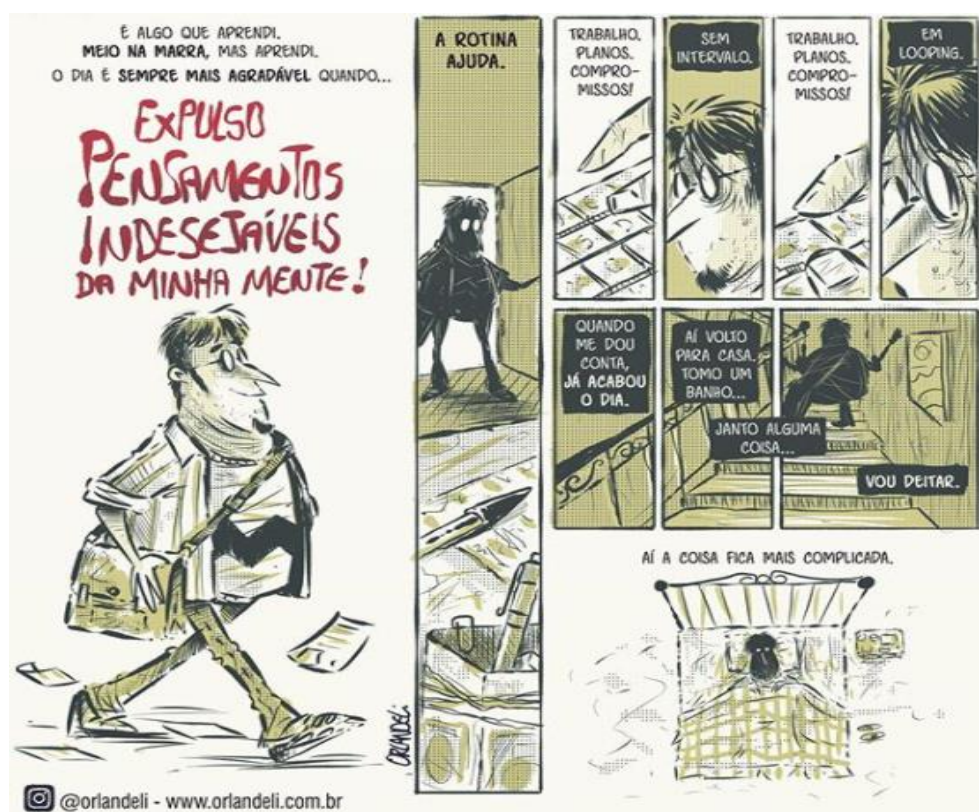
Figura 8 – Formato tradicional da tira cômica.



Fonte: Charles Schulz. *Estadão*. Publicação em: 02 set. 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/quadrinhos>. Acesso em: 04 nov. 2020.

Baseados em Fiorin (2016) no que se refere aos avanços tecnológicos, atualmente, a *internet* tem sido um grande veículo de propagação dos quadrinhos e de autores nacionais, pois há abertura para esse hipergênero em blogues, *sites* e redes sociais (*Facebook* e *Instagram*). A tecnologia propiciou muitas mudanças nesse campo quadrinístico, no qual há liberdade nas produções, como uma maleabilidade no formato, aumento no fluxo de criações, o acesso direto nas páginas dos produtores, a interação com o público mediante comentários, o número de acessos e a apropriação do conteúdo ao serem compartilhados pelos leitores em suas redes sociais. Segundo Ramos (2017, p. 165), “é a tal viralização, no jargão digital”. Desse modo, já circulam produções em formatos maiores, chamadas de tiras longas, como pode ser visto a seguir (Figura 9):

Figura 9 – Tira produzida em formato longo.



Fonte: Walmir Orlandeli. Publicação em: 09 jan. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7HFLBPhJzg/>. Acesso em: 30 out. 2020.

No exemplo (Figura 9), podemos observar que o advento tecnológico ampliou a criatividade do quadrinista, sendo materializada em diversas produções, com modificações tanto no tamanho do quadrinho quanto nos recursos utilizados: quadrinho e balão de fala sem contorno, variação nos planos e ângulos de visão para aproximar ou distanciar, disposição das cenas, entre outros.

A princípio, a leitura dos quadrinhos pode até parecer clara e explícita para uns leitores, mas pode não ser bem assim, pois envolve diferentes códigos, sendo alguns inferidos naturalmente e outros carecidos de um conhecimento mais aprofundado, tornando a leitura um processo complexo de construção de sentido. Sendo assim, alguns mecanismos dispostos nos quadrinhos são acionados e articulados para auxiliar o leitor na interpretação do texto, como: a limitação do formato, para tornar a leitura dinâmica; as personagens que “funcionam como bússolas na trama” (RAMOS, 2020, p. 107) e orientam a leitura por intermédio das ações; as expressões faciais e as corporais, que retratam o estado emocional da personagem e poupam descrições por palavras, pois são rapidamente reconhecidas; o balão, representando a fala, os pensamentos e até mesmo o

estado emocional da personagem; a relação temporal com o momento de produção; as metáforas visuais incorporando discursos; as frequentes onomatopeias para a representação da oralidade e dos sons; os valores expressivos dos diferentes tipos letras; o conteúdo informacional das cores; as escolhas lexicais como representação da oralidade; a legenda para situar o leitor; a temática alicerçada no humor; entre outros. O próximo exemplo (Figura 10) ilustra alguns elementos característicos dos quadrinhos:

Figura 10 – Linguagem dos quadrinhos.



Fonte: Bill Watterson. *Estadão*. Publicado em: 03 nov. 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/quadrinhos>. Acesso em: 04 nov. 2020.

Na tira cômica de *O Melhor de Calvin* (Figura 10), Calvin é um personagem fixo, portanto, de fácil identificação do leitor. Além disso, nas vinhetas há elementos importantes para a sequência narrativa e a construção do sentido, como o espaço escolar; o seu desequilíbrio apontado por linhas cinéticas; as expressões facial e corporal; a interjeição; as onomatopeias; a metáfora visual sinalizada pelas estrelas (terceira vinheta) indicando a queda; e o desfecho cômico.

A profundidade da leitura está relacionada à experiência e ao conhecimento do leitor, desse modo, não basta o indivíduo somente ler os mecanismos quadrinísticos mencionados, mas “*apreender e decodificar o que fora codificado*” (MARCUSCHI, 2008, p. 238), no qual se concentra um complexo processo sociocognitivo de armazenamento de informações, organização, compreensão e inferências, a partir de subsídios presentes no texto e situados em contexto social, cultural e histórico. Por isso, as significações e os sentidos discursivos não devem ser limitados à superfície textual, servindo de “armadilha” ao leitor, incumbido de desfazer ambiguidades semânticas e completar os sentidos parcialmente produzidos pelo texto, visto que a língua favorece a pluralidade de significações. Além disso, os discursos quadrinísticos revelam ideias, valores, crenças que implicam no modo de agir e pensar do homem, nos quais

ideologias se concretizam mediante a linguagem e em todas as manifestações sociais, políticas, culturais etc. Esse assunto será abordado no próximo tópico acerca do discurso.

2.2 VISÃO GERAL DO DISCURSO QUADRINÍSTICO

A linguagem é a capacidade humana de se comunicar e interagir, com o auxílio de palavras, imagens, sons, gestos, cores ou expressões faciais e está intrinsecamente ligada às práticas sociais. A experiência com a língua/linguagem é apreendida por uma variedade de estímulos desde a gestação até enquanto a vida durar, o que contribui para a falta de percepção a respeito do caráter rotineiro da linguagem, como as escolhas lexicais, as estruturas de frases, a verbalização de ideias e os sentidos contidos nos textos. Na verdade, não notamos o quão complexa é a natureza da linguagem ao constituir-se, no entanto, a linguagem excede as construções gramaticais, sintáticas e semânticas de uma língua, pois é social e ideológica.

Vários campos das ciências humanas procuram explicar e conceituar a ideologia, porém não é uma tarefa consensual, porque a definição está concentrada em suas convicções e campos de conhecimento. Nesse sentido, a ideologia é o objeto de reflexão de vários estudiosos, a fim de compreender as transformações sociais relacionadas às diferenças de classes e conflitos de ideias. Neste tópico, abordamos a ideologia com a finalidade de assimilar os discursos quadrinísticos emergentes da conceitualização metafórica. Entretanto, não nos aprofundaremos em questões históricas a respeito da definição de ideologia, e sim em aspectos relevantes para o objetivo proposto.

Fiorin (1998) faz uma distinção entre discurso e fala. De modo conciso, a língua é um sistema abstrato, concretizado pelos falantes nos atos de fala. Já o discurso são os textos escritos ou orais que exprimem pensamentos, ideias, visão de mundo ou o modo de agir sobre o mundo. Nessa perspectiva, o autor evidencia que “a fala é a exteriorização psicofísico-fisiológica do discurso. Ela é rigorosamente individual, pois é sempre um *eu* quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso” (FIORIN, 1998, p. 11). À vista disso, a fala é a manifestação da linguagem, enquanto o discurso tem relação com as formações sociais que determinam a linguagem.

Ao diferenciarmos um texto com sentido e outro incoerente, observamos a organização do discurso, com certas regras que devem ser acatadas para a sua

construção, pois um texto não é um conjunto de frases sem sentido. Segundo Fiorin (1998), conseguimos fazer essa distinção ao nos atermos à sintaxe e à semântica no interior do texto, porque o discurso é estruturado e cria efeitos de sentido. No entanto, a sintaxe apresenta certa autonomia em relação aos fatores sociais, distinguindo-se da semântica, que depende deles, conforme exemplifica o referido autor.

Se um cientista dissesse “Eu afirmo que a Terra é redonda”, isso poderia ser entendido como um ponto de vista pessoal. Entretanto, quando ele diz “A Terra é redonda”, é como se o próprio fato narrasse a si mesmo. Nesse caso, temos a impressão de que uma verdade objetiva se estabeleceu (FIORIN, 1998, p. 17).

Nessa concepção teórica, o processo de estruturação textual compreende um efeito de sentido de subjetividade, ao usar a primeira pessoa do singular (eu) ao afirmar algo, porém quando o pronome não é mencionado, produz outro efeito, o de objetividade.

À vista disso, Fiorin (1998) divide o discurso em: a sintaxe discursiva como o campo da manipulação consciente e a semântica como o campo da determinação inconsciente (ideológica). O primeiro campo está associado às estratégias argumentativas intencionais, com a finalidade de convencer o outro, pois “o falante organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor etc.” (FIORIN, 1998, p. 18). Já o segundo refere-se aos discursos constituídos ao longo do tempo e cristalizados socialmente, determinando o modo de pensar o mundo, ao difundir discursos recorrentes: “os homens são desiguais por natureza; na vida, vencem os mais fortes; o dinheiro não traz a felicidade etc.” (FIORIN, 1998, p. 19).

De acordo com Fiorin (1998), as ideias dominantes são construídas pelas relações sociais, com o objetivo de explicar e justificar o modo de agir e pensar do homem, assim como a sua realidade social. O autor menciona que “a esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia” (FIORIN, 1998, p. 28).

Nessa acepção, abrimos um parêntese para associarmos à conceitualização metafórica, visto que é licenciada por manifestações linguísticas cotidianas, ou seja, os discursos fixados na sociedade projetam mapeamentos entre os domínios, oportunizando as atividades inferenciais. Por esse ângulo, as ideias de desigualdade,

poder, preconceito, entre outros, são condicionadas pelas relações sociais e compartilhadas por grupos com a mesma concepção. A realidade social é expressa pelos discursos, e os discursos materializam as representações ideológicas, pois o pensamento conceitual e a linguagem são indissociáveis. Desse modo, não existe uma individualidade discursiva absoluta, porque os discursos são assimilados e reproduzidos pelos indivíduos no decorrer da vida.

Para Chauí (2008), ao compreendermos as relações sociais como processos históricos, entenderemos o porquê de o homem agir e pensar de determinada maneira e a sua capacidade em atribuir sentido às relações e firmar o modo de sociabilidade em certas esferas como: familiar, profissional, política, religiosa, educacional etc. A autora salienta:

os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Em sociedades divididas em classes (e também em castas), nas quais uma das classes explora e domina as outras, essas explicações ou essas idéias e representações serão produzidas e difundidas pela classe dominante para legitimar e assegurar seu poder econômico, social e político (CHAUI, 2008, p. 24).

Chauí (2008) cita que há uma ocultação do modo como as relações sociais são produzidas e a legitimação das formas de exploração econômica e dominação política. Em outros termos, há uma camuflagem das relações sociais mais profundas, uma vez que não há neutralidade nos discursos, mas interesses de uma classe dominante. Nesse contexto, Fiorin (1998, p. 29) afirma que “numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante”.

A ideologia determina a consciência social ao mascarar a realidade, a qual é governada por classes dominantes. Nesse sentido, a ideologia é um instrumento de alienação e dominação social, política, cultural e econômica, motivada por interesses, ambições, obtenção do poder e controle das demais classes sociais, ao disseminar ideias e pensamentos, com o propósito de convencer e manter a posição de dominação.

Com o capitalismo, as relações sociais apresentaram novos valores e comportamentos, motivados pelo campo econômico e político, resultando em manifestações coletivas e individuais. Desse modo, conflitos e desigualdades instigaram a reflexão e o posicionamento quanto às circunstâncias sociais. Para Chauí (2008), a

ideologia refere-se aos posicionamentos que condicionam as circunstâncias sociais, políticas e culturais compartilhadas por grupos de indivíduos. Assim, sublinha que

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir das divisões na esfera da produção (CHAUÍ, 2008, p. 109).

De acordo com Chauí (2008), em uma visão crítica, a ideologia pode ser um instrumento de dominação, no entanto, em uma visão neutra, pode fornecer o sentimento de identidade social, ao apresentar referenciais como Humanidade, Liberdade, Nação etc.

A respeito dos discursos quadrinísticos, notamos que a linguagem híbrida estabelece a falsa impressão de uma “simples” leitura para entretenimento. Contudo, vários recursos argumentativos são articulados, a fim de fazer valer as intenções do produtor do texto. Segundo Koch (1983), a neutralidade do discurso é um mito, pois todo discurso subjaz em uma ideologia decorrente da própria objetividade.

As interações comunicativas são permeadas pela intencionalidade, de modo que os elementos linguísticos estão contidos na estrutura da língua. Assim, a concepção sociointeracional (língua, sujeito, texto) deixa de ser uma mera decodificação de mensagem e passa a uma atividade interativa e produtora de sentidos. Isso acontece pois, de acordo com a intenção do enunciador, são selecionadas determinadas estruturas da língua para que o objetivo (intenção) seja alcançado. Portanto, ao realizar certas escolhas, a opinião do enunciador é evidenciada. Nesse sentido, notamos a presença da argumentação na língua ao materializar a ideologia nos quadrinhos, conforme o exemplo a seguir (Figura 11).

Figura 11 – Ideologia e quadrinhos.



Fonte: Toni D'Augostinho. Publicação em: 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEb9Z6mHzs3/>. Acesso em: 28 ago. 2020.

O cartum (Figura 11) retrata a contradição na noção de meritocracia, ao configurar o caminho tortuoso para o negro e reto para o branco, isto é, em uma competição, não há empecilhos para o branco. Diante disso, o preconceito racial e a desigualdade são substancializados no texto e podem ser conceitualizados metaforicamente por **MERITOCRACIA É DESIGUALDADE**.

Conforme Ramos (2017), as interações nas redes sociais transformam o destinatário em enunciador ao disseminar a informação. Portanto, o leitor, ao se apropriar do conteúdo e compartilhá-lo em suas redes sociais, torna-se reproduzidor de conteúdo para seus próprios leitores. Em outras palavras, a ideologia implícita nos quadrinhos é difundida no ambiente virtual, podendo ser aceita ou rejeitada pelo leitor. Por esse viés, a metáfora é um poderoso recurso presente no gênero quadrinístico que circula na internet, usada para dar mais força e expressividade ao discurso, sendo um modo atrativo e descontraído de expressar ideologias, transmitir valores e convencer o leitor de uma possível aceitabilidade de determinada opinião ou pensamento.

De acordo com Mendes e Miranda (2016), a metáfora ajuda a compreender o mundo e serve como significativo instrumento de manipulação emocional, ideológica, política e econômica, utilizada para obter a atenção do leitor e evocar *frames* em termos metafóricos. Em razão disso, destacamos a articulação entre o cognitivo e o discursivo, na qual as metáforas são um processo inevitável do pensamento humano, acionado por

mapeamentos cognitivos entre os domínios da própria metáfora, subjacentes à linguagem e às ações do ser humano.

À luz dos pressupostos de Lakoff e Johnson (2002), as metáforas conceituais fazem parte do sistema metafórico convencional de uma determinada cultura e permitem a compreensão do uso de expressões metafóricas no cotidiano, ampliando a noção de metáfora para figura do pensamento e, conseqüentemente, do discurso, evidenciando a sua relevância na compreensão do mundo.

No que diz respeito aos textos quadrinísticos, as expressões linguísticas e os recursos gráficos atualizam as metáforas conceituais, por consentirem a realização de inferências a respeito de um domínio-fonte, ao ser mapeado para um domínio-alvo, devido aos aspectos sociais, políticos e históricos. Por conseguinte, a linguagem dos quadrinhos garante uma carga argumentativa em torno de determinado conceito, conduzindo o leitor em direção às conclusões desejadas, ou seja, a apreender a orientação argumentativa do texto.

Para Koch (2016, p. 55), a base da atividade de argumentar está no uso da língua, pois os textos “são repletos do modo como olhamos e interpretamos o mundo, das nossas crenças e descrenças, dos nossos gostos e desgostos, das nossas escolhas e desescolhas”. À vista disso, as metáforas são estratégias argumentativas presentes no hipergênero, com interesses coletivos vinculados à realidade social, nas quais o processo de compreensão é mapeado metaforicamente por um acionamento de domínios. Nesse sentido, o processamento discursivo se faz pelas metáforas que condensam a argumentação, pois o pensamento metafórico é cotidiano e constitutivo das experiências dos seres humanos.

Os mecanismos linguísticos e gráficos são responsáveis pela estrutura argumental do texto, na qual as ideologias são enquadradas metaforicamente, sendo um poderoso recurso de manipulação social e política, a fim de captar a atenção do leitor, com o objetivo de incitar determinados comportamentos. A metáfora conceitual resulta das interações sociocognitivas e assessora a compreensão a respeito do mundo, porque diversos conceitos veiculados na sociedade são compreendidos metaforicamente, como educação, política, economia, preconceito, entre outros. Em vista disso, a metáfora adquire um papel relevante na compreensão da cultura e de nossas experiências, por fazer parte da rotina e se manifestar na linguagem, nas ações e nos pensamentos.

Compreendemos o processo sociocognitivo como um mecanismo relevante na apreensão dos discursos presentes nos quadrinhos, ao revelar ideias, valores, normas e

regras sociais que implicam no modo de vida e na sua interação social, em que ideologias são camufladas pela linguagem, de acordo com os interesses em questão.

2.3 EFEITOS DE HUMOR

A interface entre linguagem e humor é uma propriedade intrínseca à faculdade humana, visto que podemos rir de certas situações, assim como podemos fazer alguém rir. Desse modo, quando falamos de humor, associamos ao seu primeiro efeito: a produção do riso.

Bergson (2001), ao elucidar a noção de riso, menciona três aspectos: 1) não há comicidade fora do que é propriamente humano, pois o riso está atrelado às expressões e às atitudes; 2) a insensibilidade acompanha o riso, conseqüentemente, a emoção é deixada de lado para que o cômico produza o seu efeito; e 3) o nosso riso sempre será o riso de um grupo, porque depende da identificação para que se estabeleça. Além disso, para o autor, o riso tem uma função social e deve corresponder às exigências da vida em sociedade, sendo um elemento de correção à insociabilidade e à rigidez do homem, características que, aos olhos da sociedade, poderiam ameaçar a convivência pacífica entre os indivíduos.

As autoras Oliveira e Machado (2013), consoantes aos pressupostos de Bergson, ressaltam o riso e o efeito cômico como pertencentes ao campo do humor, entretanto só podem ser apreendidos a partir dos conhecimentos compartilhados entre produtor e leitor.

Assim sendo, o riso deve ter uma significação social, uma vez que o cômico é casual, ou seja, permanece na superfície da pessoa, mas deve ser entendido como um gesto social, pois é necessário o outro para que o cômico se instaure e o riso, conseqüentemente, se efetue (OLIVEIRA; MACHADO, 2013, p. 12).

Nessa perspectiva, a compreensão e a interpretação dos textos humorísticos visam a um processo de construção, ampliação, formulação e captação dos vários efeitos de sentido.

A definição do que é risível é um tanto complexa, em virtude de algo ser engraçado para determinada cultura, e ofensivo para outra, pois o efeito cômico está associado aos costumes e às ideias de grupos sociais. Para exemplificar, citamos o atentado terrorista à sede da revista francesa *Charlie Hebdo*, no dia 7 de janeiro de 2015, desencadeado por publicações de charges satíricas referentes à religião islâmica e

ao profeta Maomé. Uma atitude violenta resultou na morte de quinze pessoas, entre elas o editor-chefe da revista, quatro renomados cartunistas da França e os três atiradores muçulmanos. Nesse caso, a revista serviu-se do humor para criticar a religião, porém, para alguns muçulmanos considerados extremistas, a reprodução da imagem de Maomé configurou-se como um ato de afronta à crença, revelando a tênue relação entre o humor e a cultura.

Por esse ângulo, o hipergênero histórias em quadrinhos não está atrelado só ao humor, mas também à ironia e à sátira. Sendo assim, os efeitos de humor não se referem exclusivamente ao ato de rir, pois isso seria insustentável, já que é possível manifestar uma crítica às condutas sociais e culturais e, até mesmo, uma denúncia. Travaglia (1989, p. 670) afirma que

O humor tem sido visto como uma atividade ou faculdade humana universal cuja função vai muito além do simples fazer rir. Ele seria uma espécie de arma de denúncia e desmitificação, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar verdades e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios.

Ainda, segundo o autor, o texto humorístico revela assuntos e posicionamentos que ficam implícitos em outras esferas institucionais. Desse modo, o humor dispõe de uma função útil, ao expor situações a serem refletidas pelos indivíduos, por evidenciar um caráter libertador, polêmico, conflituoso ou até mesmo ser um aparato de contrapoder.

A partir do exposto, citamos as piadas que se ocupam de temas socialmente controversos encobertos pelo humor, como a sexualidade, as etnias/raças, os infortúnios, a obesidade, a política, as línguas, as instituições etc. São narrativas que circulam anonimamente sem interferência direta na sociedade e, por artifício de representações estereotipadas, manifestam valores, tabus, preconceitos e outros elementos discursivos arraigados na cultura brasileira, como rotular a *mulher loira de ser dotada de pouca inteligência* e o *gaúcho de ser afeminado*. Segundo Possenti (1998), os aspectos sociais são materializados nas piadas e em outros textos relativos ao humor, ora veiculando um sentido mais apreensível, ora um discurso ideológico carecido de outros conhecimentos do leitor para a construção do sentido.

De acordo com Ramos (2011; 2020), a piada e a tira cômica configuram gêneros discursivos com características diferentes, entretanto, no tocante à produção de

humor, apresentam estratégias semelhantes: geralmente são textos curtos; tratam de temas e situações relativos ao humor; apresentam desfecho inesperado; necessitam da inferência para o efeito do humor; são propensas ao uso de diálogos; o humor é evidenciado por atitudes centradas nas personagens; as personagens podem ser fixas ou não; operam com representações estereotipadas, a fim de facilitar a compreensão da composição de personagens e situações; necessitam mobilizar conhecimentos prévios e compartilhados para a produção do sentido. Nada impede que outros textos quadrinísticos se valham do recurso da piada para provocar o humor, afigurando um caso de intertextualidade entre gêneros, conforme o cartum de Toni D'Agostinho (Figura 12).

Figura 12 – Intertextualidade entre gêneros: cartum e piada.



Fonte: Toni D'Agostinho. Publicação em: 09 dez. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C1lcJfxHLLb/>. 2020. Acesso em: 09 dez. 2020.

Na Figura 12, percebemos um diálogo com características de gêneros diferentes em um mesmo texto, o qual envolve o cartum, a piada e a pintura. A partir da obra *O regresso de um proprietário*, de Jean-Baptiste Debret, o cartunista recria uma cena em que o homem branco conta uma piada de cunho racista enquanto é carregado por africanos escravizados. Nesse caso, os estereótipos do senhor e dos escravos manifestam-se no preconceito e na discriminação.

Souza (2008, p. 96) explicita que “os estereótipos sociais, por trazerem uma concepção cristalizada socialmente a respeito de indivíduos e grupos de indivíduos, conseqüentemente, estão presentes nos discursos discriminatórios e preconceituosos convencionados pela sociedade”. Sendo assim, o cartum exibe a representação de um grupo historicamente discriminado e os efeitos da escravidão, para mostrar o quanto ainda é latente a exclusão e a marginalização racial no Brasil, fazendo vítimas todos os dias. Além do mais, a partir da linguagem verbal, fica subentendido uma indagação ao leitor: *Será que o humor não tem limite?*

No texto em questão, há uma ressignificação da piada tida como leve e descontraída, com a finalidade de apontar a materialização de uma crítica, servindo-se da linguagem dos quadrinhos e do humor para externar o racismo presente em textos que, muitas vezes, ratificam a situação marginalizada do negro. Em outros termos, o riso mantém as piadas racistas em circulação, ao mascarar preconceitos raciais assentidos por pessoas que compartilham essas ideias. Há, inclusive, certa consciência do malefício desse tipo de piada, comprovada pela fala “O humor não tem limite!”.

Segundo Propp (1992, p. 29), nos textos humorísticos “o homem nos é mostrado naqueles aspectos que são objeto de zombaria também na vida”. Certos aspectos do riso correspondem aos diferentes tipos de relações humanas, pois há pessoas que ridicularizam, zombam e desfazem de outras pessoas. À vista disso, o cartum utiliza o humor como uma denúncia à prática discriminatória, para assegurar que o limite é justamente o humor sem limite, pois o racismo pode estar camuflado pelo riso ao circular na sociedade de modo “não intencional” e, assim, instituir a discriminação e a estigmatização, além de ferir a dignidade e os direitos do negro, uma vez que ele é colocado em uma posição inferiorizada.

Atualmente, o humor aproxima-se da noção de surpresa e de transgressão às normas, ao levar em conta o “riso de zombaria” (PROPP, 1992), no qual o homem é objeto de riso devido à aparência, às ideias ou às atitudes, e o “riso carnavalesco” (BAKHTIN, 2015), associado à manifestação coletiva e à libertação da opressão e do medo. Assim, é subjetivo pensar no efeito cômico, em atenção a alguns aspectos envolvidos, como: a transformação histórica em relação ao engraçado, porque o contexto social e o cultural se modificam, interferindo na compreensão da intenção e do humor; a variação das temáticas; e a violação do padrão social por intermédio de críticas aos comportamentos sociais, à condição humana, à política etc.

A charge enquadra-se nessa noção, pois, segundo Romualdo (2000, p. 21), “é um texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico”, e está vinculada ao noticiário, portanto, apresenta uma limitação temporal, como pode ser visto a seguir (Figura 13).

Figura 13 – A função do humor na charge.



Fonte: Laerte Coutinho. Publicação em: 26 out. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CG1ByqhM9H-/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

Esse exemplo revela uma desaprovação em relação ao ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, quanto à flexibilização de normas ambientais para o avanço do agronegócio, a qual prejudicaria a Amazônia. Para Romualdo (2000, p. 55), “a charge busca pôr a nu aquilo que está oculto, dando, pelo humor, uma outra visão sobre um acontecimento ou pessoa”. Diante disso, o chargista utiliza recursos da linguagem dos quadrinhos para construir o humor, ao expor condutas e defeitos de personagens caricaturizados e, assim, realizar um julgamento de valor. O ministro é comparado a um gafanhoto, ou seja, um inseto associado aos grandes danos em lavouras, considerado uma praga agrícola, pois, em elevado número, consegue devastar plantações inteiras.

Ainda a respeito da charge, a ironia é o recurso utilizado para produzir o humor e proporcionar a reflexão. Oliveira e Machado (2013, p. 13) salientam que “um enunciado irônico tem o objetivo de dizer algo diferente do que foi dito e está sempre relacionado ao campo do humor, seja para dizer de forma depreciativa, polêmica ou mesmo séria”. A ironia exige a apreensão do leitor para realizar o processo de identificação e construção do sentido, por estar implícita no texto. Quando o gafanhoto

diz “Me passa a Amazônia”, como se estivesse pedindo um alimento durante uma refeição, subentende-se que irá comê-la, ou seja, devastá-la.

Sob a ótica de Koch (2003, p. 19), a construção dos possíveis sentidos dá-se na relação entre produtor-texto-leitor, pois o contexto, as estratégias de organização textual e as pistas orientam o leitor na interpretação. Nesse sentido, “produtor e interpretador do texto são, portanto, ‘estrategistas’, na medida em que, ao jogarem o ‘jogo da linguagem’, mobilizam uma série de estratégias — de ordem sociocognitiva, interacional e textual — com vistas à produção do sentido”.

A ironia, a sátira e a ambiguidade são recursos atrelados ao humor e têm a função de produzir os efeitos de sentido, como a crítica, a denúncia, a polêmica e/ou a ruptura da expectativa. Para isso, é preciso que o leitor acione os conhecimentos prévios e realize as inferências no decorrer do processo de compreensão. Os quadrinhos têm característica lacunar, cabendo ao leitor articular os diferentes códigos e explicitar a significação por meio de atividades inferenciais e pela percepção dos efeitos de sentido intencionados pelo quadrinista. Desse modo, a interpretação de textos de humor depende dos conhecimentos linguísticos e extralinguísticos e das práticas interacionais, como as associações realizadas a partir da posição política, social, econômica e até mesmo de suas experiências, para construir o sentido. O resultado desse processo cognitivo são os efeitos de humor.

Os autores de quadrinhos interagem com o leitor mediante suas produções, negociando os significados humorísticos, dado que o contexto sociocognitivo possibilita representar a percepção e os acontecimentos, os fatos e as ideias (reais ou fictícias) que os indivíduos fazem e/ou constroem do mundo. A desconstrução e a resignificação dos elementos da linguagem dos quadrinhos constituem estratégias comunicacionais criativas utilizadas pelos quadrinistas com a finalidade de atingirem seus objetivos.

Em virtude disso, a metáfora conceitual procede dessas interações sociocognitivas e auxilia na compreensão a respeito do mundo, da cultura e de nós mesmos, pois diversos conceitos presentes no dia a dia manifestam-se a partir dos textos quadrinísticos e são interpretados metaforicamente. Lima (2015) conjectura o processo de recategorização metafórica como um gatilho para a construção da comicidade, no qual uma expressão pode ser homologada ou não na superfície textual para que o referente seja reconstruído. O exemplo a seguir (Figura 14) ilustra esse mecanismo linguístico.

Figura 14 – Recategorização e comicidade.



Fonte: Clara Gomes. *Bichinhos de Jardim*. Publicação em: 26 ago. Disponível em: <http://bichinhosdejardim.com/about/>. 2020. Acesso em: 26 ago. 2020.

Na progressão textual, identificamos a recategorização metafórica do referente *pesadelo* como *2020*, tendo em vista o efeito cômico. As personagens dão indícios do descaso com relação à proliferação da COVID-19, pois há uma festa em que os participantes não usam máscaras, um recurso indicado como medida de proteção das vias respiratórias e para conter a dispersão do vírus. No entanto, as personagens também estão sem as máscaras, revelando uma contradição quanto ao comportamento apontado, o que é amenizado pelo fato de ser um pesadelo. O pedido de socorro e o ano de 2020 evocam o modelo cognitivo da pandemia como *um ano surreal / um ano ruim*, que evidencia a conceitualização de 2020 COMO PESADELO, ao mobilizar os aspectos sensório-motores (o sentido da visão de cima para baixo e a percepção de estar dentro de algo) e, também, as avaliações subjetivas e os conhecimentos partilhados acerca da situação e do contexto social.

Reiteramos que as tiras cômicas veiculam posicionamentos, portanto, não se limitam ao “riso pelo riso” (TRAVAGLIA, 1989, p. 49), mas também desvelam atitudes. Para Lima (2015), a passagem de um referente a outro, somada à concepção de inferências, funciona como um gatilho para a comicidade. Desse modo, a recategorização metafórica configura-se como mais um mecanismo para a construção do efeito de humor nesse gênero.

Como podemos observar, o campo do humor abarca as nuances do riso desde a restrição à diversão até a transgressão. Os efeitos relacionados ao humor, como a ruptura da censura estabelecida por normas sociais, a crítica social e a denúncia, assim como as metáforas tão presentes nos quadrinhos, são estratégias argumentativas que materializam discursos, enquanto os sentidos são mobilizados e apreendidos. Desse modo, o processo de construção dos sentidos ultrapassa a ação linguística e cognitiva, uma vez que “é muito mais uma inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 230). Nessa perspectiva, a metáfora conceitual é mais um instrumento para auxiliar na resignificação dos sentidos, manifestando-se em nossa linguagem, pensamento e ação.

3 CAPÍTULO 3

ANÁLISE DO CORPUS

“Uma ação de linguagem é, em qualquer condição, um fazer, um agir de um com outro, de um para outro, no sentido de que a finalidade última do que é dito é gerar uma resposta no outro.”
(ANTUNES, 2014, p. 20)

No ano de 2019, a *internet* já apresentava uma mudança significativa no fluxo de produções e publicações de quadrinhos. No entanto, em 2020, houve um aumento no consumo de charges e tiras cômicas, motivado pelo isolamento social em decorrência do distanciamento causado pela pandemia da COVID-19, viabilizando grande repercussão nos meios virtuais. Com isso, observamos que o uso de enunciados metafóricos nesses gêneros discursivos é frequente no cotidiano e orienta a construção do sentido, revelando-se no pensamento e na ação. Além do mais, possibilitam inferências consoantes ao contexto sociocomunicativo e ampliam a noção de metáfora ao conceito de figura de discurso.

Alicerçados nos pressupostos de Lakoff e Johnson (2002), é possível falarmos metaforicamente do conceito de BRASIL, conceitualizado em termos de DOENTE, ao representar as metáforas cotidianas por meio do mapeamento estruturado: BRASIL ESTÁ DOENTE. Assim, temos:

DOENTE (DOMÍNIO-FONTE)  BRASIL (DOMÍNIO-ALVO)

O conceito de doente é construído a partir de algumas adversidades econômicas no Brasil, durante o período da pandemia, por ser um conhecimento social, econômico e político compartilhado entre os cidadãos, conforme ilustram as charges dos quadrinistas Duke (Figura 15) e Toni D’Agostinho (Figura 16):

Figura 15 – Enunciado metafórico.



Fonte: Duke. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9ZMI8yjfl-/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

Na primeira charge (Figura 15), publicada no dia 06 de março de 2020, a temática é a variação da moeda americana em relação ao real. Primeiramente, o foco incide sobre a metáfora visual configurada no personagem Real estar *doente*, enquanto o Dólar foi liberado, pois, supostamente, estava *curado*. Partimos para o enunciado metafórico *teve alta*, que elucida, mediante o verbal e o visual, os estados do Real e do Dólar, ao personificar a moeda brasileira, caracterizada pelo rosto emblemático de uma escultura feminina que estampava a antiga nota de um real⁶, aparentemente debilitado, com um curativo no rosto e recebendo um medicamento injetável, enquanto questiona a enfermeira no tocante à moeda americana. Além disso, a cama ao lado da utilizada pelo Real está vazia, o que evidencia a permanência no mesmo ambiente, inferindo ser o econômico. Diante do exposto, os recursos gráficos da charge são intencionais, objetivando produzir determinados efeitos de sentidos ao se beneficiar de enunciados metafóricos frequentes na sociedade, como: *a alta do dólar*, *a queda do dólar* e *o real está desvalorizado*, por tratar-se de um gênero que expõe uma crítica econômica, política e social. Salientamos a associação do câmbio à valorização de uma moeda em relação à outra, pois a cotação indica quantos reais são necessários para comprar um dólar. Por consequência, a variação do dólar impacta na economia brasileira em vários setores.

⁶ Desde 2005, a cédula no valor de um real não é mais produzida, pois foi substituída pela moeda de mesmo valor.

Figura 16 – Outro enunciado metafórico.



Fonte: Toni D'Agostinho. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_ALp8mHfD3/. Acesso em: 15 abr. 2020.

Na segunda charge (Figura 16), publicada no dia 15 de abril de 2020, também há relação metafórica da economia brasileira com a área da saúde, ao ilustrar um paciente dizendo suas últimas palavras *salve a economia* ao profissional da saúde, divergindo da expectativa convencional, pois quem deveria ser salvo era o indivíduo. A charge faz uma ponte intertextual com o posicionamento do presidente Jair Bolsonaro ao declarar-se contra o isolamento social e considerá-lo prejudicial à economia, fato que gerou polêmica, por ser antagônico às orientações da Organização Mundial da Saúde com relação à disseminação da COVID-19 e o índice de contaminados e mortos no Brasil. A título de exemplo, selecionamos um fragmento de uma notícia que abordou o assunto, publicada no *Jornal de Brasília*, no dia 01 de abril de 2020⁷:

⁷ Redação. *Jornal de Brasília*. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/apos-discursio-brando-bolsonaro-volta-a-atacar-isolamento/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

Após discurso brando, Bolsonaro volta a atacar isolamento

Bolsonaro compartilhou vídeo nas redes sociais sinalizando contra as paralisações. “Depois da destruição não interessa mostrar culpados”, afirmou.

[...]

Na contramão do próprio Ministério da Saúde e até da Organização Mundial de Saúde (OMS), Bolsonaro tem se posicionado contra o isolamento, alegando que a população precisa trabalhar para que não haja colapso na economia.

No próprio excerto, observamos uma metáfora que licencia a conceitualização metafórica, pois o termo *colapso* pode ser relacionado ao *frame* da área da saúde, auxiliando na construção dos sentidos das palavras e sentenças. Desse modo, há uma relação semântica entre os conceitos dessa área e a linguagem imagética que a expressa. Assim, conforme Lakoff e Johnson (2002), o *frame* de saúde não é apenas intencional e representacional, mas também um modelo cognitivo proposicional, já que conceitos são acionados: leitos, doentes, enfermeira, médico, respirador, entre outros.

Os recursos quadrinísticos (Figura 16), como o respirador usado pelo paciente e a legenda, ajudam o leitor a identificar o tempo e relacionar com o número de leitos ocupados nos hospitais, além de uma associação à morte, por serem as últimas palavras, reforçadas pelo uso do ponto-final ao finalizar a fala do paciente, quando na verdade encerra-se a vida naquele momento, enfatizando que o importante era salvar a economia. À vista disso, ocorre uma transferência de propriedades do domínio experiencial de saúde para o domínio Brasil.

Nesse sentido, os enunciados metafóricos *teve alta e salve a economia*, articulados à linguagem dos quadrinhos, só podem ser entendidos porque em nossa mente ocorre um mapeamento parcial entre o domínio-fonte para a estrutura correspondente no domínio-alvo, estruturando metaforicamente a economia brasileira em termos de doente, do qual são projetadas as inferências acerca da desvalorização do real em relação ao dólar e da economia estar acima da saúde. Essa conceitualização transcorre em razão de nossos conhecimentos armazenados a respeito da composição de um ambiente hospitalar e do conceito de saúde, metaforicamente expandidos à economia por modelos cognitivos idealizados, que constituem meios inconscientes de estruturar o pensamento.

Ferrari (2020, p. 92) assinala que “a metáfora é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro”. Desse modo, o domínio-fonte DOENTE abarca conceitos concretos de nossa experiência que retratam a situação do domínio-alvo BRASIL e permitem interpretar instantaneamente as expressões projetadas da metáfora conceitual BRASIL ESTÁ DOENTE.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002), as metáforas conceituais, por fazerem parte do sistema metafórico convencional de uma determinada cultura, viabilizam a compreensão do uso rotineiro dos enunciados, ampliando a noção de metáfora para figura do pensamento e do discurso, o que evidencia a importância da metáfora na compreensão do mundo. Em relação à metáfora conceitual BRASIL ESTÁ DOENTE, notamos a constituição de sua atualização por outra charge disponibilizada no jornal *on-line O Tempo*, no dia 08 de maio de 2020:

Figura 17 – Charge publicada em jornal *on-line*.



Fonte: Duke. Jornal *O Tempo*. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-08-05-2020-1.2334650>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Na charge (figura 17), é apresentada uma família vestida com camiseta amarela, estampada com algumas letras formando a sigla CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), sendo uma metáfora visual ao representar famílias brasileiras desamparadas pelas políticas públicas, além de estabelecer uma relação intertextual com

dois discursos noticiados no dia 07 de maio de 2020: um publicado na *Revista Fórum*⁸; e outro no jornal *Estado de Minas*⁹:

“CNPJ na UTI? Já são mais de 8 mil CPFs perdidos”, diz presidente da OAB sobre pressão de Bolsonaro

Após recorde de mortes em 24h no Brasil, Bolsonaro foi ao STF pedir reabertura do comércio

Com Bolsonaro no STF, empresário diz: “Haverá mortes de CNPJ”

Declaração diante de Toffoli foi bastante criticada nas redes sociais, até mesmo pelo presidente da OAB, Felipe Santa Cruz

As metáforas *CNPJ na UTI* e *Haverá mortes de CNPJ* presentes nos discursos referenciados também utilizam conceitos da área da saúde e licenciam a metáfora visual de que o governo e os empresários estão mais preocupados com a economia do que com as condições sociais dos brasileiros. Dessa forma, a charge exhibe as estratégias argumentativas de um grupo, cujos interesses econômicos estão acima da sobrevivência das famílias, no qual o processo de compreensão é mapeado metaforicamente pelo acionamento de domínios, possibilitando uma forma de “enxergar criticamente como grupos sociais e ideologias enquadram o mundo e quais os tipos de mensagens querem passar” (SARDINHA, 2007, p. 16). Nesse sentido, o processamento discursivo se faz por intermédio das metáforas e condensa posicionamentos políticos e econômicos relativos à charge, pois o pensamento metafórico é cotidiano e constitutivo das experiências dos seres humanos.

Por esse ângulo, retomamos a perspectiva de Mendes e Miranda (2016) acerca do discurso, para salientar a utilidade da metáfora na compreensão do mundo e a sua atuação como um poderoso recurso de manipulação, no qual ideologias políticas e econômicas são evocadas, com a finalidade de impor determinada forma de pensar e/ou agir.

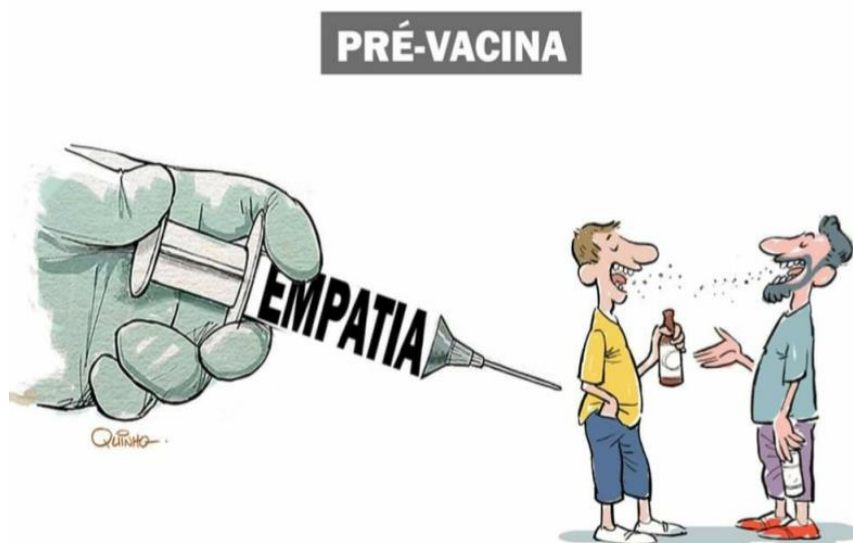
⁸ Redação. *Revista Fórum*. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/coronavirus/cnpj-na-uti-ja-sao-mais-de-8-mil-cpfs-perdidos-diz-presidente-da-oab-sobre-pressao-de-bolsonaro/>. Acesso em: 13 de mai. 2020.

⁹LOVISI, Pedro. *Estado de Minas*. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/05/07/interna_politica,1145275/com-bolsonaro-no-stf-empresario-diz-havera-mortes-de-cnpj.shtml. Acesso em: 13 mai. 2020.

As produções quadrinísticas foram intensas em decorrência de vários episódios políticos, econômicos e sociais relacionados ao cenário pandêmico. O surgimento de um vírus altamente contagioso e, inicialmente, misterioso instaurou o medo, não só no Brasil, mas no mundo, mostrando o quão frágil é a civilização. Momentos de tensão foram reproduzidos nos textos humorísticos como uma forma de manifesto, crítica, denúncia e julgamento de valor.

Enquanto cientistas de várias partes do mundo mobilizam-se e não medem esforços para desenvolverem uma vacina contra a COVID-19, condutas sociais são desveladas por serem opostas aos esforços para controlar o vírus. O cartum a seguir (Figura 18), publicado no dia 12 de julho de 2020, ilustra a conceitualização metafórica a partir de uma capacidade situada em algumas ações humanas, porém ausente em outras: a empatia.

Figura 18 – Conceitualização metafórica.



Fonte: Marcos Ravelli. *Quinho Cartum*. Disponível em: <https://www.facebook.com/373410182758601/photos/a.373412019425084/2798463666919895/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

A partir do cartum (Figura 18), podemos fazer um cruzamento entre domínios adquiridos de nossa experiência e conceitualizar metaforicamente EMPATIA em termos de PRÉ-VACINA, estruturando o mapeamento em: EMPATIA É PRÉ-VACINA. Esquemáticamente, é possível estabelecer os seguintes domínios:

PRÉ-VACINA (DOMÍNIO-FONTE) ➡ EMPATIA (DOMÍNIO-ALVO)

O movimento denominado *Fique em casa*, incitado e propagado pelos meios de comunicação (televisão, jornais, rádio e redes sociais), indica a principal recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para conter a disseminação do vírus e os problemas no sistema de saúde. A princípio, estabelecimentos e instituições foram fechados por um tempo, mas assim que reabertos, muitas pessoas acreditaram não haver problema em dar uma “saidinha” com os amigos até um bar e colocar a conversa em dia.

Devido às ações e descumprimentos de regras, o vírus foi se espalhando e, conseqüentemente, o número de infectados nos hospitais e a mortalidade aumentaram. Opiniões foram díspares com relação às restrições, tidas como um percalço à retomada da vida como antes da pandemia. Fato usual entre os jovens, por deduzirem que não se enquadram no grupo de risco (idosos e pessoas com comorbidades) e acreditarem em uma isenção de problemas decorrentes da COVID-19. Baseados na resistência em aceitar as orientações da Ciência, alguns quadrinistas fizeram uma crítica às ações contrárias às medidas de contenção do vírus, em um momento que exige a colaboração de todos. Então, passaram a produzir quadrinhos cujo tema é a empatia como uma forma de imunização contra a indiferença. As expressões linguísticas metafóricas relacionadas à empatia estão presentes no dia a dia, tanto pela circulação dos textos escritos/imagéticos quanto os orais, ao usarmos expressões como:

- (a) Falta empatia nas pessoas;
- (b) Coloque-se no lugar do outro;
- (c) Pare de olhar para seu próprio umbigo e preste atenção nas necessidades do outro;
- (d) O mundo carece de empatia coletiva;
- (e) Mais empatia, por favor!;
- (f) Por gentileza, pratique a empatia!.

Isso ocorre porque a metáfora faz parte do sistema conceitual humano, sendo um modo relevante de se pensar e falar a respeito do mundo. A interpretação dessas sentenças seria a manifestação de um mapa cognitivo que transporta a noção de empatia para uma noção de imunização. Segundo Cançado (2005), a sistematicidade metafórica possibilita comparações assimétricas, ao estabelecer uma associação entre vários conceitos participantes do mesmo campo semântico do domínio-alvo e do domínio-

fonte. À vista disso, a metáfora provoca uma transferência de propriedades de um domínio para outro.

Nessa perspectiva, o entendimento de empatia, associado ao contexto pandêmico, pode ser alicerçado em nossa experiência de recobrar a saúde, assim simbolizado pela vacina no cartum. No caso em análise, podemos realizar um mapeamento metafórico consequente da parcial estruturação do domínio de nossa experiência para o domínio de natureza mais abstrata, consentindo a interpretação de expressões que habilitam a metáfora conceitual EMPATIA É PRÉ-VACINA. Conforme Cançado (2005, p. 103), “esse ponto de vista do concreto para o abstrato permite relacionar as metáforas a um papel central de organizadora de novos conceitos e organizadora de experiências”.

De acordo com os pressupostos de Lakoff e Johnson (2002), o mapeamento sucede pela estruturação do modelo cognitivo idealizado PRÉ-VACINA para o modelo cognitivo EMPATIA, o qual se pretende conceitualizar para que aconteça o processo de compreensão/interpretação.

Outro mecanismo relevante é a seleção lexical, que aciona *frames* e resgata conhecimentos partilhados, permitindo um tratamento às novas e às velhas informações. Desse modo, o vocábulo *vacina* nos remete a proteção, a estratégia de prevenção e a imunização, e, com a inserção do prefixo *pré*, inferimos como um antecedente à tão almejada vacina para combater a COVID-19. No cartum, o prefixo funciona como um recurso argumentativo, ao indicar a empatia como o primeiro passo para uma contribuição na prevenção e no controle da infecção, pois, quando não fazemos a nossa parte, podemos, direta ou indiretamente, afetar outras pessoas.

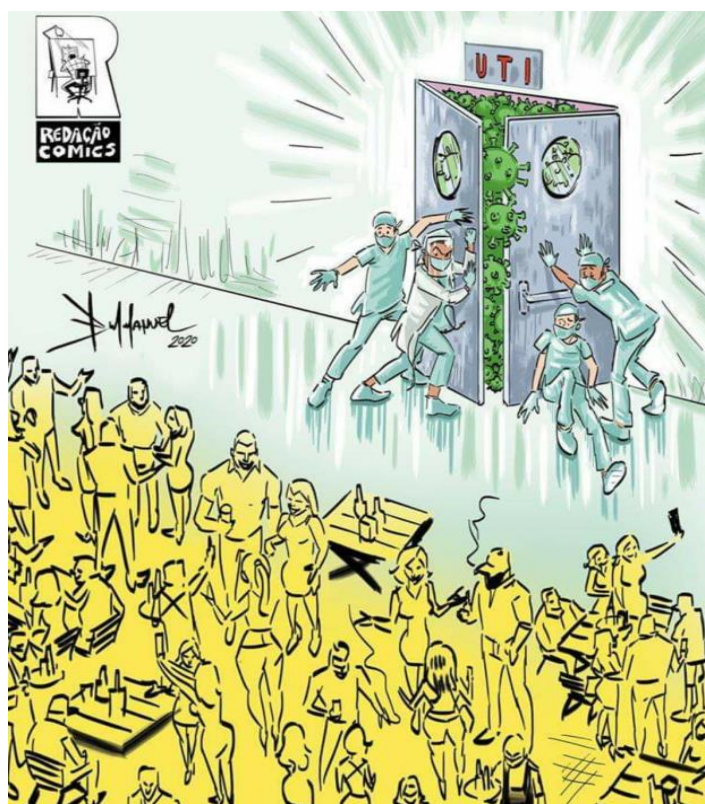
Segundo as autoras Oliveira e Cordeiro (2010), cada palavra no texto é um produto de troca social, cujos elementos expressivos estão à disposição para veicular um discurso. Assim, as formas de linguagem estão carregadas de argumentatividade e as escolhas realizadas pelo autor do texto traduzem valores ideológicos e socioculturais.

À vista disso, a linguagem dos quadrinhos reforça o sentido de empatia como pré-vacina nessa conceitualização metafórica. Os dois personagens conversando descontraídos e sem a utilização das máscaras, para conter as gotículas de saliva, nos remetem à proliferação do vírus naquele momento. Ademais, a mão com a luva faz menção ao profissional da saúde, por segurar a vacina com a empatia em direção aos personagens. A ampliação da mão e da vacina é outro mecanismo argumentativo para mostrar o quanto a sociedade precisa se sensibilizar com a situação na qual se encontra,

uma vez que envolve aspectos de grande impacto na vida humana, como: aumento de infectados pelo vírus, superlotação de hospitais, luta pela sobrevivência e muitas vidas ceifadas.

Ao longo do ano de 2020, os quadrinistas buscaram alertar, criticar e até mesmo fazer um julgamento de valor a respeito de certas ações findadas na indiferença com o momento vivenciado pela humanidade. As metáforas contidas nessas produções autorizam a conceitualização EMPATIA É PRÉ-VACINA, conforme ilustra o cartum a seguir (Figura 19).

Figura 19 – Cartum divulgado no *Facebook*.



Fonte: Emmanuel Merlotti. *Depósito de Cartuns*. Disponível em: <https://www.facebook.com/DepositoDeCartuns/photos/2959585470836358>. Acesso em: 11 jul. 2020.

O cartum em foco (Figura 19) foi publicado no dia 10 de julho de 2020, dois dias antes do texto analisado anteriormente. Essa informação reafirma o manifesto e a conexão entre os quadrinistas, ao evidenciarem a importância da união para minimizar ou até erradicar a situação pandêmica.

Na Figura 19, a metáfora visual está associada à concepção de falta de empatia, ao assinalar o trabalho exaustivo de médicos e enfermeiros para salvar vidas em UTIs superlotadas, enquanto pessoas participam de festas e se “ausentam” de sua

responsabilidade social e moral. Essa metáfora autoriza a conceitualização metafórica EMPATIA É PRÉ-VACINA, pois as atitudes dos participantes da festa são antagônicas às ações dos profissionais da área da saúde. Nesse sentido, a metáfora é um recurso relevante de se pensar e falar sobre o mundo, porque nos permite compreender um domínio de experiência em termos de outro (LAKOFF; JOHNSON, 2002). Melhor dizendo, há uma transição de conhecimentos do domínio experiencial de *vacina* para o domínio *empatia*.

De acordo com Sardinha (2007), a metáfora conceitual é um fenômeno importante para entender o ser humano e o seu modo de pensar. Por esse ângulo, ao estruturar metaforicamente empatia em termos de pré-vacina, inferimos a necessidade de imunizar pessoas contra as próprias atitudes e ideias, além de a capacidade de identificação com outro ser a substância essencial. Outro caso que atualiza a conceitualização metafórica em pauta, é a tira de cunho filosófico publicada na página de *Téo & O Mini Mundo*.

Figura 20 – Tira publicada no *Instagram*.



Fonte: Caetano Cury. *Téo & O Mini Mundo*. Publicação em: 12 dez. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CItBQrGspJC/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

Nessa tira (Figura 20), a empatia é revelada por uma atitude positiva no contexto pandêmico. Essa conduta valida o manifesto dos quadrinistas, ao orientar qual seria a ação correta da sociedade perante a situação em foco. A escolha do personagem em abrir mão da diversão e seguir as orientações preventivas, como usar máscara, ficar em casa e evitar aglomerações, viabilizou o abraço em sua mãe/avó em uma data especial, sem comprometer a saúde dela. Portanto, a linguagem metafórica, aliada a outros elementos, oportuniza a projeção das seguintes inferências: *a empatia salva vidas e nós fazemos a diferença.*

A metáfora aparece, frequentemente, imbricada ao processo de recategorização, à medida que (re)construímos o objeto de discurso *empatia*, não só no nível textual-discursivo, pela retomada de elementos linguísticos e imagéticos, mas também no nível cognitivo, ao evocarmos informações e realizarmos inferências. A esse respeito, Lima (2009) explica que,

a ancoragem do processo de recategorização não se aplica textualmente por meio da retomada de um item lexical ou de uma rede de itens lexicais, havendo ocorrências em que essa ancoragem faz parte do processo inferencial e, assim, não há como recuperá-la senão pela “abertura” do processamento cognitivo em que comparecem determinadas estruturas pertencentes a modelos cognitivos/culturais daquele que interpreta (LIMA, 2009, p. 58-59).

Nos quadrinhos que autorizam a metáfora conceitual EMPATIA É PRÉ-VACINA (Figuras 19 e 20), o referente *empatia* não é homologado textualmente, mas (re)construído mediante os conhecimentos relativos aos conceitos de empatia e COVID-19, metaforicamente ampliados ao conceito de vacina, ao vê-la como imunização, proteção e prevenção. Desse modo, os modelos cognitivos idealizados proposicionais do tipo *frame* evocam a descrição dos modelos cognitivos metafóricos, repercutindo na organização e estruturação da linguagem, pensamento e interações sociais.

Segundo Koch (2003), a realidade é (re)construída a partir de nossas interações com o mundo, ou seja, construímos aquilo que nos cerca a partir das relações física, social e cultural. Ainda segundo a autora,

O que se admite, então, é que os objetos de discurso são dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, construindo-se ou reconstruindo-se, assim, o sentido, no curso da progressão textual (KOCH, 2003, p. 81).

O processo de conceitualização metafórica abrange uma série de operações conceituais e recruta vários conhecimentos, permitindo o acesso à construção do

significado. Por consequência, a metáfora tem relevante papel na construção discursiva, ao desvelar opiniões, críticas, crenças e valores, pois conceitualizamos o que está ao nosso redor e usufruímos de pistas linguísticas e imagéticas para direcionar as negociações de sentido na situação interacional.

A realidade social é expressa nos quadrinhos pelos discursos ali materializados. Desse modo, as escolhas metafóricas feitas pelos quadrinistas podem ser uma estratégia argumentativa e até mesmo emocional, ao propor uma reflexão a respeito de nossos comportamentos, pois, conforme Lakoff (1987), o ser humano tem a capacidade de estruturar modelos cognitivos idealizados e conceber conceitualizações metafóricas delineadoras do modo de falar, pensar e agir. Sendo assim, a metáfora faz parte da percepção de realidade e está imbricada ao processo de apreensão e compreensão do mundo.

Quanto ao efeito de humor, está vinculado ao conjunto de mecanismos utilizados nos quadrinhos e aos discursos procedentes de acontecimentos em nossa sociedade, os quais são base para a construção do sentido crítico e de seus elementos intertextuais. Entretanto, o leitor precisa dispor de conhecimentos partilhados para uma efetiva apreensão dos sentidos contidos nos textos.

De acordo com Pereira, Oliveira e Machado (2013), a constituição dos sentidos é subjetiva, pois depende do contexto e da ideologia dos quais o indivíduo está inserido. Nesse sentido, as autoras afirmam que

as tiras utilizam o humor para trazer à tona assuntos que estão presentes no cotidiano dos indivíduos e que, muitas vezes, geram desconfortos na/pela sociedade, como é o caso, por exemplo, de assuntos relacionados à religião, à cultura, à política, entre outros. Assim, várias estratégias comunicativas são empregadas na construção do discurso humorístico, produzindo sentidos e interpelando indivíduos em sujeitos sociais (PEREIRA; OLIVEIRA; MACHADO, 2013, p. 366).

Nos textos analisados, percebemos a comicidade atrelada às ideias de grupos sociais cujos posicionamentos ideológicos são enquadrados na denúncia e na crítica às condutas políticas, econômicas e sociais. Portanto, o humor vai além do ato de rir, ao dispor de uma função motivadora de desequilíbrios na sociedade, por revelar situações que impactam na vida humana. Com efeito, as ideologias organizam as representações e orientam, sutilmente, as práticas sociais dos indivíduos, de que sentidos são negociados o tempo todo, resultando em aceitação ou refutação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta dissertação, objetivamos reforçar a relevância da Teoria da Metáfora Conceitual e, sobretudo, evidenciar a relação entre cognição e discurso, compreendida no processo de conceitualização metafórica e, conseqüentemente, na apreensão dos sentidos desinentes da metaforicidade.

Para isso, traçamos um breve panorama dos estudos acerca da metáfora, desde a visão tradicional aristotélica até uma visão mais atual — a metáfora conceitual. Retomamos alguns pontos da ruptura da Linguística Cognitiva em relação a outras vertentes, em especial a Gramática Gerativista, explicitando as premissas básicas que engendraram o caminho da forma à cognição. Em linhas gerais, podemos dizer que a metáfora, antes tratada como desvio marginal da linguagem, recebeu um novo olhar pelos estudos da Semântica Cognitiva, evidenciando o pensamento por um mapeamento estruturado por domínios distintos em um encadeamento metafórico.

A Linguística Cognitiva proporcionou contribuições importantes para os estudos da linguagem, ao preocupar-se com a representação da estrutura linguística na estrutura conceitual da mente humana, o que auxiliou a entender o complexo processo de concepção do significado relativo à metaforicidade existente no hipergênero história em quadrinhos.

Com efeito, a partir das premissas da Teoria da Metáfora Conceitual, verificamos a sistematicidade conceitual metafórica, que outorga a capacidade de produzir novos significados, por estar alicerçada em nossas experiências físicas, culturais e interacionais, assim homologada por Lakoff e Johnson (2002).

Ressaltamos outro pertinente aparato teórico para o desenvolvimento deste estudo — a recategorização. Esse processo, derivado da categorização na atividade de referenciação, viabiliza a (re)construção de realidades discursivas instanciadas por metáforas e pelas atividades inferenciais, auxiliando na construção de novos referentes no curso da progressão textual. Além do mais, a recategorização serve como gatilho para a comicidade, na qual o referente pode não ser explicitado textualmente, sendo inferido a partir de pistas que evocam modelos cognitivos desencadeados pela interação sociocognitiva e dialógica com o mundo. Conseqüentemente, a construção do objeto de discurso é ancorada no modelo cognitivo e traz em subjacência a metáfora conceitual.

A respeito das produções quadrinísticas, mencionamos o intenso ano de 2020, marcado pelo surgimento da doença COVID-19, a qual provocou uma série de

mudanças no cotidiano e nas relações interpessoais, além de estar as criações dos quadrinistas. O momento pandêmico produziu repercussões e impactos sociais, políticos, econômicos, culturais e históricos, motivando os quadrinistas a unirem-se e exteriorizarem acontecimentos, posicionamentos, ideias e ideologias em forma de manifesto. Assim, as constantes produções veiculadas diariamente nas esferas digitais impulsionaram a aplicação da Teoria da Metáfora Conceitual, para verificar o processo de conceitualização metafórica e a construção dos sentidos consecutiva dessa metaforicidade.

As análises corroboram a perspectiva cognitivista, por apurar a indissociável participação da metáfora nos processos de significação, cujos mecanismos linguísticos e imagéticos são responsáveis pela estrutura discursiva do texto e por incorporar metaforicamente ideologias políticas, econômicas e sociais. A metáfora faz parte do processo cognitivo e contribui para o entendimento de expressões recorrentes na linguagem rotineira, como em *a alta do dólar e o mundo carece de empatia coletiva*.

Reconhecemos os textos quadrinísticos como um poderoso recurso de manipulação ideológica, ao conceitualizar metaforicamente *Brasil em termos de doente*, e como um mecanismo de crítica e julgamento de valor, ao conceitualizar *empatia como vacina*, a fim de captar a atenção do leitor, com o propósito de fomentar determinado modo de pensar e agir. Nessa acepção, ratificamos que a metáfora conceitual é resultado das interações sociocognitivas e facilita a nossa compreensão a respeito do mundo, pois diversos conceitos são projetados pelos desdobramentos derivados da metaforicidade, como *a desvalorização da moeda nacional (Real)* e *a empatia salvar vidas*.

Já o efeito cômico nos quadrinhos analisados não está atrelado ao riso por diversão, na realidade, contém um manifesto ao efetivar uma denúncia, um julgamento de valor e/ou uma crítica às condutas concernentes à sociedade. Portanto, é um recurso argumentativo utilizado para assimilação dos sentidos incorporados aos discursos materializados. Dessa maneira, o humor tem a missão de impulsionar reflexões na sociedade, ao evidenciar verdades e outras possibilidades de ver o mundo.

Por fim, asseguramos o significativo papel da conceitualização metafórica para a compreensão da cultura e de nossas experiências, ao desvelar-se no âmbito da linguagem em uso, do pensamento e das atitudes. É exatamente o entendimento desse processo que amplia o potencial explanatório da estrutura cognitiva do indivíduo, ao estimular competências e desenvolver habilidades linguísticas em prol de uma eficaz percepção e construção dos sentidos, devido à capacidade do indivíduo em depreender a

metáfora a partir de desdobramentos ou mapeamentos discursivos, que exercem no discurso uma função tanto cognitiva quanto argumentativa.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Juan. *Como fazer histórias em quadrinhos*. Trad. Sílvio Neves Ferreira. São Paulo: Global, 1990.
- ANTUNES, Irlandé. *Gramática contextualizada: limpando ‘o pó das ideias simples’*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- APOTHELÓZ, Denis; REICHLER-BÉRGUELIN, Maria-José. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉRGUELIN, Maria-José (ed.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalizations, anaphores*. Neuchâtel, Institute de Linguistique de l’Université de Neuchâtel, 1995.
- BAKTHIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BAKTHIN, Mikhail Mikhailovitch. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKTHIN, Mikhail Mikhailovitch. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Rinehart and Wilson, 1933.
- BONINI, Adair. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.
- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAGNIN, Antônio. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CARMELINO, Ana Cristina; RAMOS, Paulo. Uma trajetória das pesquisas linguísticas sobre humor no Brasil. In: CARMELINO, Ana Cristina (org.). *Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1971.
- CIRNE, Moacyr. *Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. Petrópolis: Vozes, 1975.

- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ELIAS, Vanda Maria; COELHO, Fábio André Cardoso; CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo. Argumentação em produções hipertextuais: conexões e sentidos. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; CORDEIRO, Isabel Cristina; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar; SILVA, Suzete. *Discurso e Argumentação: tecendo os efeitos de sentido*. São Paulo: Pontes Editores, 2020.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2020.
- FILLMORE, Charles. Frame Semantics. In: The Linguistics Society of Korea (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hansinh Publishing, 1982.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOCH, Ingedore Villaça. A argumentatividade no discurso. *Letras de hoje*. V. 16, n.2, p. 5-16. Porto Alegre, 1983.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore Villaça. *As tramas do texto*. São Paulo: Contexto, 2014.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção*. São Paulo: Contexto, 2014.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LIMA, Maria Luiza Cunha. Semântica e Psicolinguística Experimental. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato (org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2019.
- LIMA, Paula Lenz Costa. *Desejar é ter fome: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais*. Tese, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LIMA, Paula Lenz Costa. Metáfora e Linguagem. *In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (org.). Produção de sentido: estudos transdisciplinares.* São Paulo, Porto Alegre, Caxias do Sul: Annablume, Nova Prova, Educus, 2003.

LIMA, Paula Lenz Costa. Semântica Cognitiva. *In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato (org.). Semântica, semânticas: uma introdução.* São Paulo: Contexto, 2019.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. *(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos.* Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará, 2003.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. *Entre os domínios da metáfora e da metomínia: um estudo de processos de recategorização.* Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2009.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. Processo de recategorização metafórica: um gatilho para a construção do humor no gênero piada. *In: CARMELINO, Ana Cristina (org.). Humor: eis a questão.* São Paulo: Cortez, 2015.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. Linguística Textual e Linguística Cognitiva: explorando processos de recategorização. *In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (org.). Linguística Textual e pragmática: uma interface possível.* São Paulo: Labrador, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário.* Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística Cognitiva. *In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. Manual de linguística.* São Paulo: Contexto, 2011.

MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho.* São Paulo: Círculo do livro, 1975.

MENDES, Paulo Henrique Aguiar; MIRANDA, Maíra Avelar. Cognição e discurso: análise de uma propaganda política. *In: EMEDIATO, Wander (org.). Análises do discurso político.* Núcleo de Análises do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Coronavírus (COVID-19).* Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 29 out. 2020.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos do discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena. Referenciação.* São Paulo: Contexto, 2003.

MORAES, Thiago Perez Bernardes de; SANTOS, Romer Mottinha. Charlie Hebdo: Polêmica, religião e o interesse dos usuários de Internet franceses. *Comunicação Pública*. Vol. 11, n. 20, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/1193>. Acesso em: 21 nov. 2020.

OLIVEIRA, Esther Gomes de; CORDEIRO, Isabel Cristina. A argumentação no gênero carta do leitor. In: CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Literários e Linguísticos. Maringá. *Anais [...]*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010.

OLIVEIRA, Esther Gomes de; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar. O Ethos em(cena): a força argumentativa do humor. *Verbum – Caderno de Pós-Graduação*. ISSN 2316-3267, n.3, p. 4-24, 2013.

OLIVEIRA, Esther Gomes de; OLIVEIRA, Lolyane Cristina Guerreiro de; SILVA, Suzete. Referenciação anafórica e recategorização argumentativa. In: OLIVEIRA, Esther Gomes de; CORDEIRO, Isabel Cristina; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar; SILVA, Suzete. *Discurso e Argumentação: tecendo os efeitos de sentido*. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Manual de semântica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PALOMANES, Roza. O paradigma cognitivista e o ensino. In: PALOMANES, Roza; BRAVIN, Angela Marina (org.). *Práticas de ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2012.

PALUMBO, Renata. *Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial*. São Paulo: FFLCH/USP, 2014. Disponível em: http://spap.fflch.usp.br/sites/spap.fflch.usp.br/files/Renata_Palumbo.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

PALUMBO, Renata; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; BENTES, Anna Christina. Frames e argumentação: analisando o discurso presidencial de Michel Temer pós-impeachment de Dilma Rousseff. *Revista Com(Textos) Linguísticos*. Espírito Santo: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, v. 13, n. 25, out. 2019.

PELOSI, Ana Cristina. Cognição e Linguística. In: PELOSI, Ana Cristina; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto (org.). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Rio Grande do Sul: Educs, 2014.

PEREIRA, Dayane Caroline; OLIVEIRA, Esther Gomes de; MACHADO, Rosemeri Passos Baltazar. O humor nas “tiras abençoadas”: em busca dos sentidos. *Entretextos*. Paraná: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, v. 13, n. 1, p. 353-367, jan./jun. 2013.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

- PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?. In: *Estudos Linguísticos*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, p. 355-367, 2009.
- RAMOS, Paulo. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas: Zarabatana Books, 2011.
- RAMOS, Paulo. *Tiras no ensino*. São Paulo: Contexto, 2017.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2020.
- REDDY, Michael. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- ROMUALDO, Edson. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.
- RUIZ, Alice; MOTTA, Vera Lúcia. *Cabeça cheia*. Disponível em: https://www.aliceruiz.mpbnet.com.br/discografia/paralelas/cabeça_cheia.htm. Acesso em: 27 mai. 2020.
- SARDINHA, Tony. Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organizado por Chales Bally e Albert Sechehaye. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1988.
- SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, vol. 1, 1997.
- SOUZA, Helga Vanessa Assunção de. *A charge virtual e a construção de identidades*. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. In: *Estudos Linguísticos e Literários*. Maceió, v. 5 e 6, p. 42-79, 1989.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Recursos lingüísticos e discursivos do humor: humor e classe social na televisão brasileira. In: *XXXVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura Municipal de Lorena, v. XVIII, p. 670-677, 1989.
- VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem e (Dis)curso – LemD*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.
- VEREZA, Solange Coelho. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagem e cognição*. N. 41, p. 199-212, 2010.
- VEREZA, Solange Coelho (org.). *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2012.